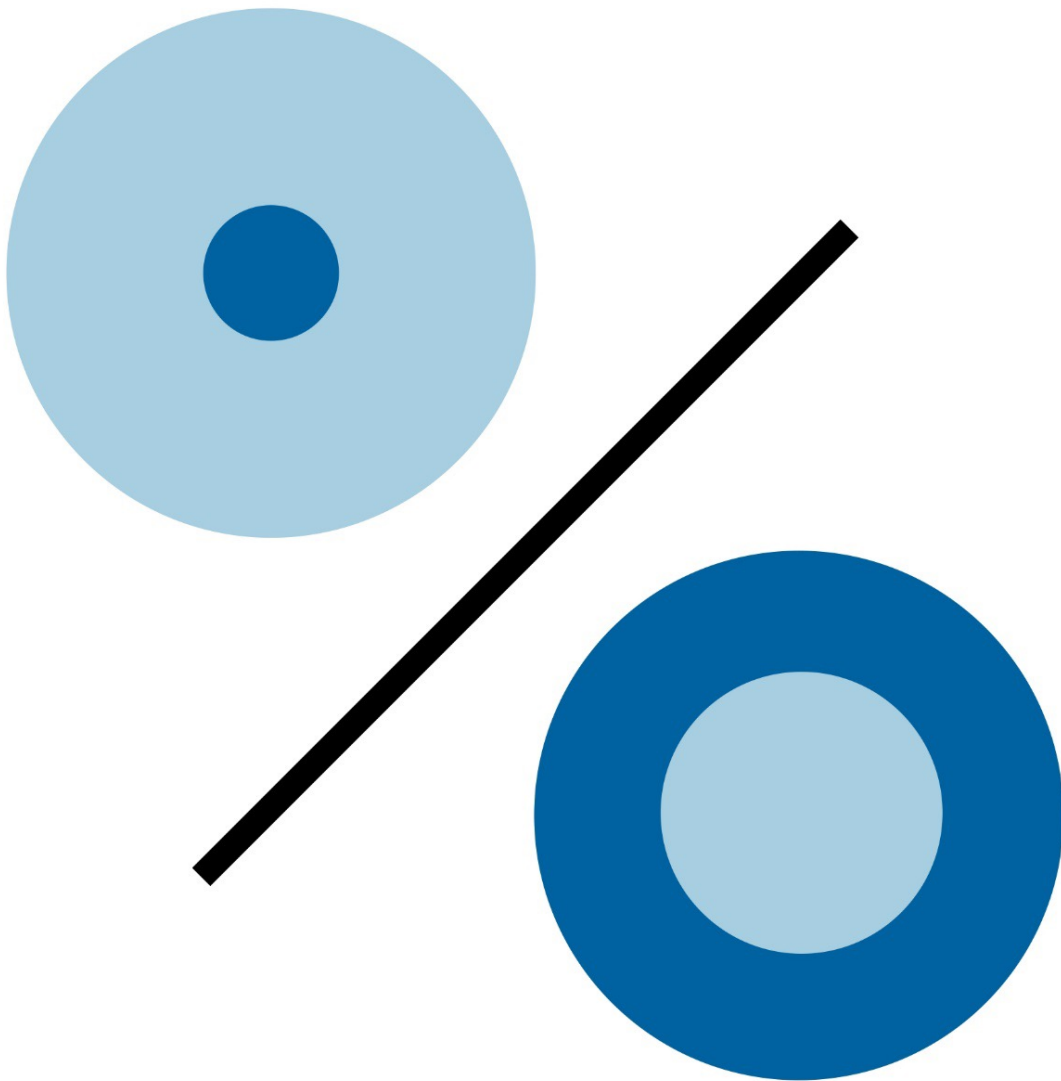


Sondagem
ICS / ISCTE

Janeiro/Fevereiro 2024



ÍNDICE

1. Ficha técnica.....	2
2. Avaliação do desempenho do governo.....	3
3. Avaliação da situação da economia.....	6
4. Conforto/dificuldade em viver com o rendimento do agregado familiar.....	9
5. Atitudes em relação à imigração.....	10
6. Preferências de negociação se o PS for indicado para formar governo, mas não tiver maioria.....	11
7. Preferências de negociação se o PSD for indicado para formar governo, mas não tiver maioria.....	12
8. Preferências se o PSD for indicado para formar governo e o Chega for necessário para uma maioria de direita.....	13
8.1 Total da amostra.....	13
8.2 Simpatizantes do PSD.....	14
8.3 Simpatizantes do PS.....	15
8.4 Simpatizantes do Chega.....	16
9. Avaliação da atuação de figuras políticas.....	17
9.1 Totalidade da amostra.....	17
9.2 Inquiridos que se posicionam à esquerda.....	18
9.3 Inquiridos que se posicionam à direita.....	19
10. Intenção direta de voto em eleições legislativas.....	20
10.1 Composição sociodemográfica dos eleitorados.....	21
10.2 Probabilidade de votar em cada um dos principais partidos.....	25
11. Intenção de voto após exclusão de abstencionistas e imputação de indecisos.....	33

1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 16 e 25 de janeiro de 2024. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal Continental. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (4 grupos), Instrução (3 grupos), Região (5 Regiões NUTII) e Habitat/Dimensão dos agregados populacionais (5 grupos). A partir de uma matriz inicial de Região e Habitat, foram selecionados aleatoriamente 95 pontos de amostragem onde foram realizadas as entrevistas, de acordo com as quotas acima referidas.

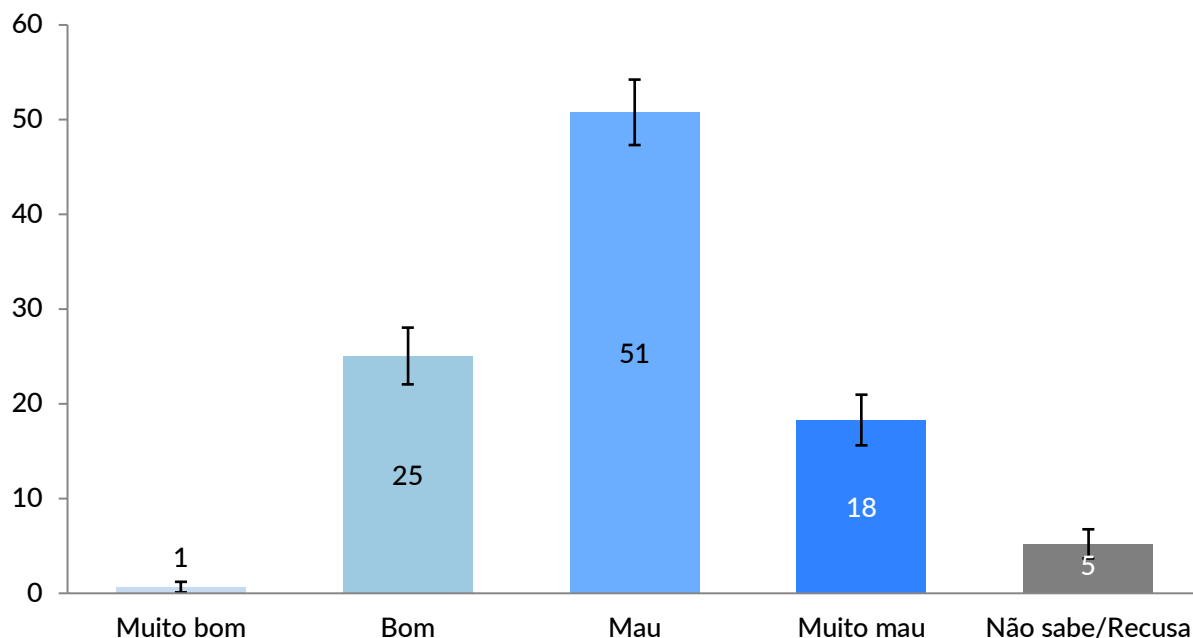
A informação foi recolhida através de entrevista direta e pessoal na residência dos inquiridos, em sistema CAPI, e a intenção de voto em eleições legislativas recolhida de duas formas, aleatoriamente atribuídas: simulação de voto em urna e em tablet, em ambos os casos sem o inquirido revelar a sua resposta ao inquiridor. Não houve diferenças estatisticamente significativas entre os resultados obtidos com os dois métodos. Foram contactados 2984 lares elegíveis (com membros do agregado pertencentes ao universo) e obtidas 804 entrevistas válidas (taxa de resposta de 27%, taxa de cooperação de 39%). O trabalho de campo foi realizado por 35 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo. Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes no Continente, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 10). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 803 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nos gráficos seguintes, todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, em particular sobre como interpretar as barras de erro associadas às estimativas, pós-estratificação amostral e a metodologia aplicada para lidar com “indecisos” e não-respostas em questões sobre intenção de voto, consultar o nosso [site](#).

2. Avaliação do desempenho do governo

"Pensando no desempenho geral do atual governo, como avaliaria esse desempenho? Diria que o governo está a fazer um trabalho..."

% em relação ao total da amostra

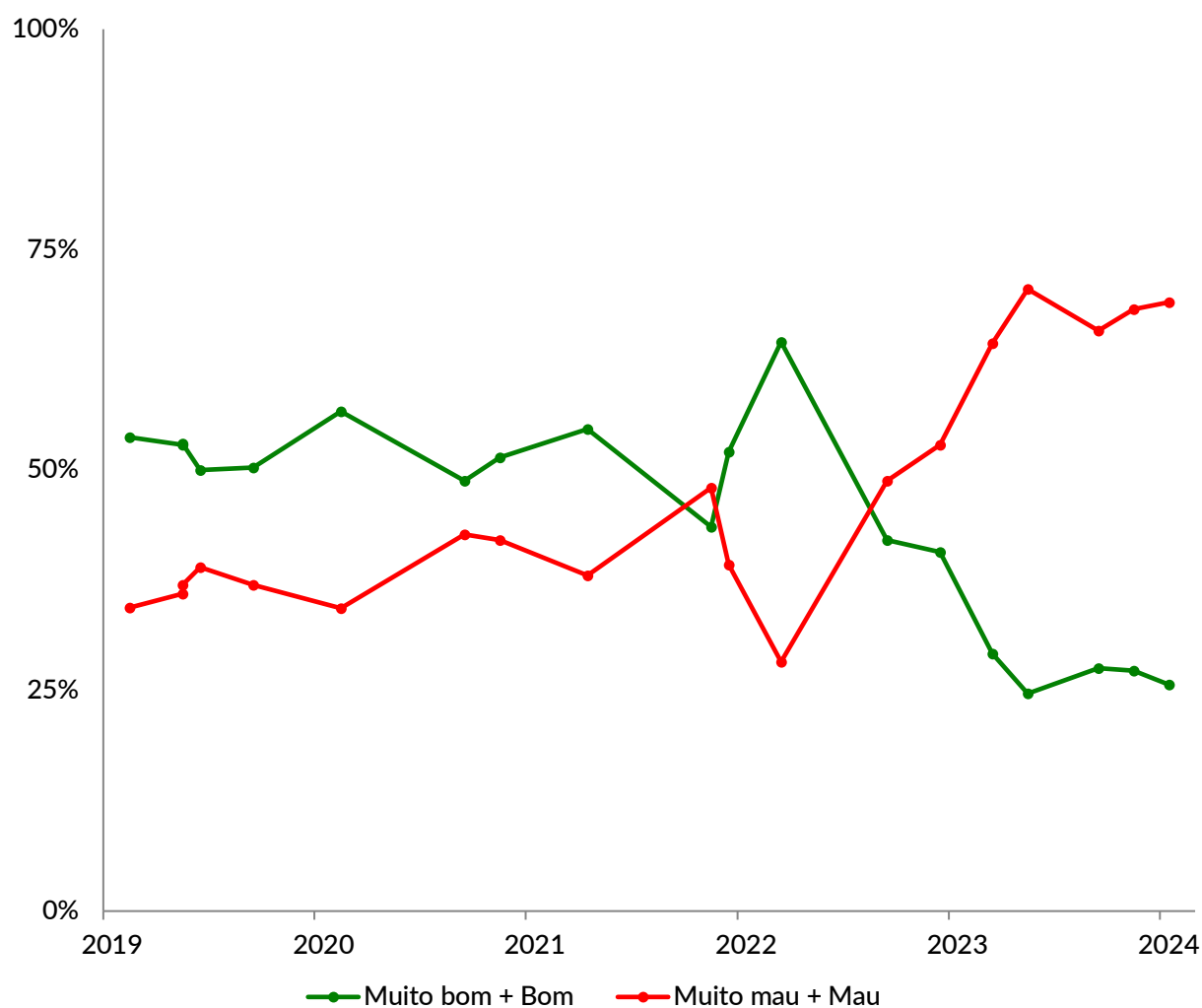


Recolha: 16 a 25 de janeiro de 2024. Valores são arredondamentos à unidade.

Mais de metade dos inquiridos (51%) considera que o desempenho do governo é “mau” e 18% acham mesmo que é “muito mau”. Apenas cerca de um quarto dos inquiridos avalia positivamente o desempenho do executivo, com a quase totalidade dos que o fazem a optar pela classificação “bom” (25%) e apenas 1% a atribuir classificação máxima ao trabalho do governo socialista.

Governo está a fazer um trabalho "muito bom"/"bom" vs. "muito mau"/"mau"

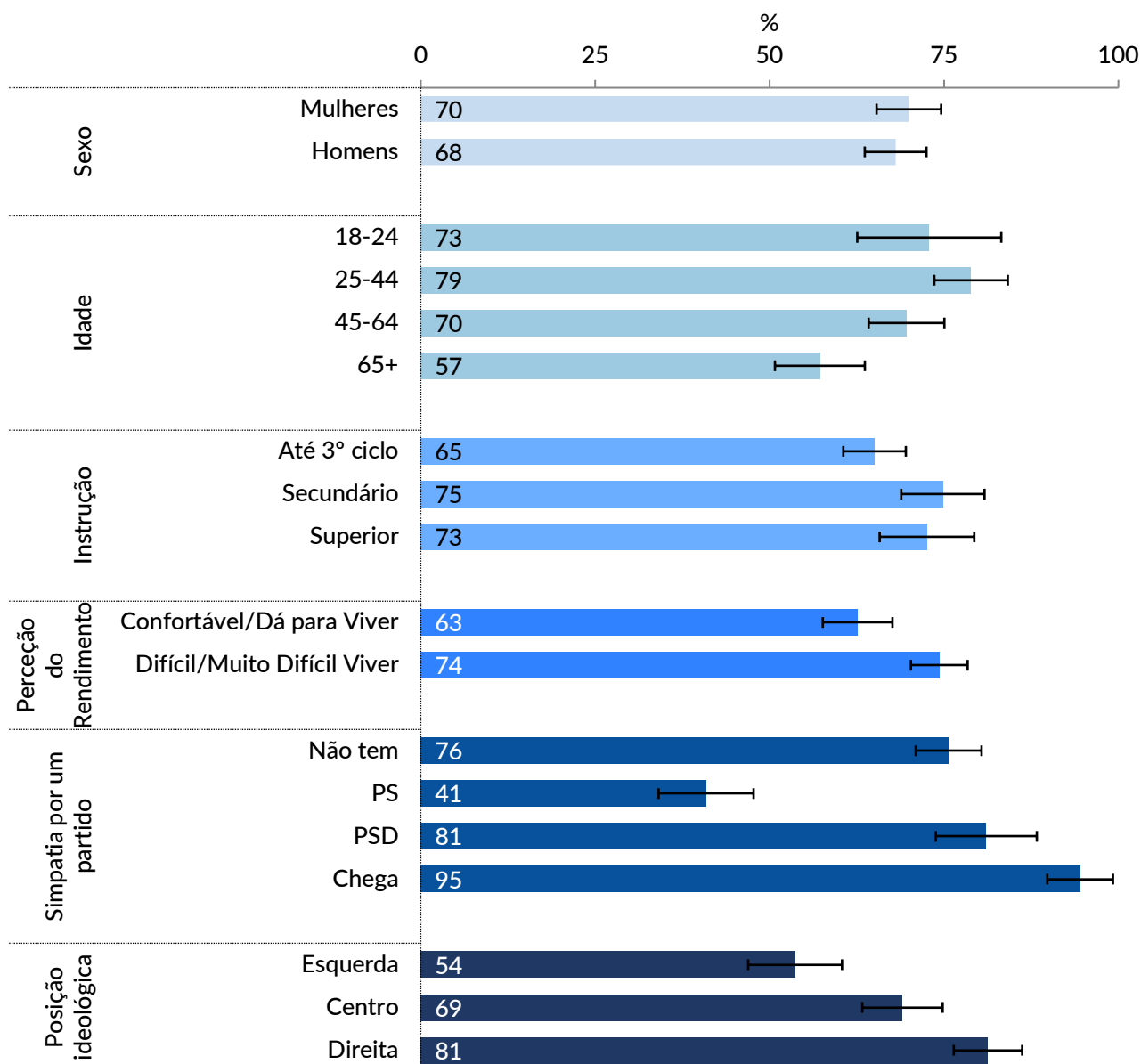
% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



A proporção de inquiridos que avaliam o desempenho do atual governo de forma negativa (“mau” + “muito mau”) mantém a tendência geral que se observa desde março de 2022, sendo o valor aferido nesta sondagem similar ao identificado no estudo anterior, de novembro de 2023. As avaliações negativas do desempenho do executivo superam as positivas, um padrão observável desde setembro de 2022.

Avaliações negativas da atuação do governo

% respostas "mau" ou "muito mau" em cada subgrupo

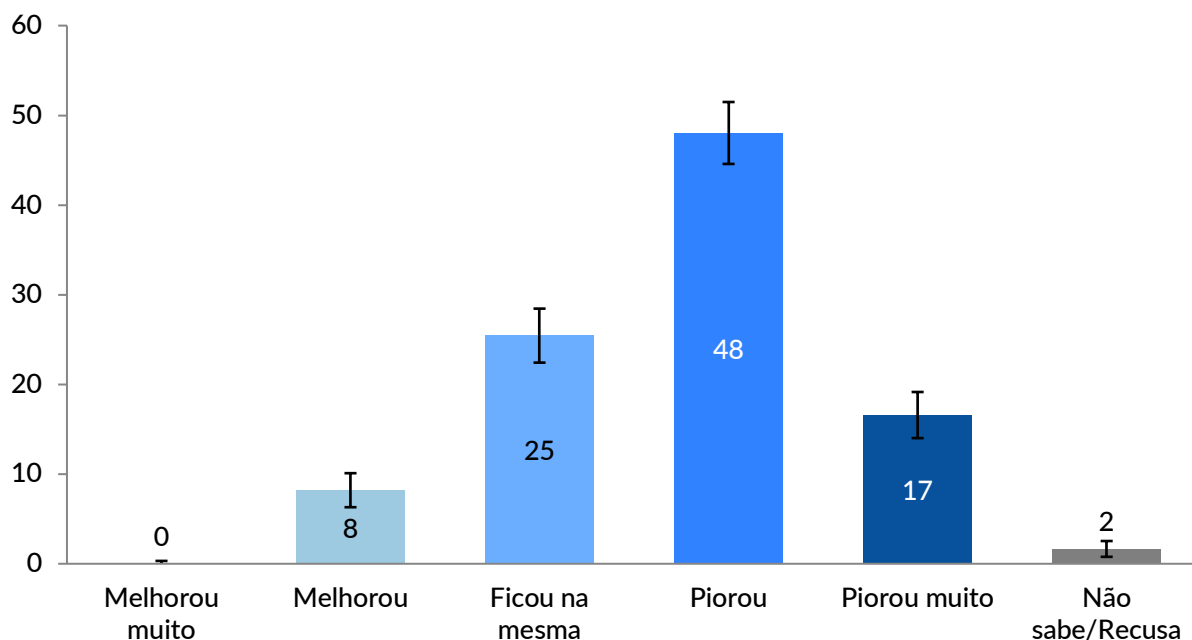


Ao analisar a opinião dos inquiridos por grupo sociodemográfico (sexo, idade, instrução, rendimento), encontram-se algumas variações dignas de nota. Apesar de as avaliações negativas serem maioritárias em todos os subgrupos, a propensão para avaliar negativamente o desempenho do governo é menor entre os inquiridos com idades mais elevadas (com 65 ou mais anos; 57%), aqueles com melhores perceções do rendimento auferido (63%) e, tendencialmente, os menos instruídos (65%). Do ponto de vista sociopolítico, os simpatizantes do Chega (95%), do PSD (81%) e os que não simpatizam com qualquer partido (76%) exprimem mais frequentemente uma opinião negativa sobre o desempenho do governo do que os simpatizantes do PS (41%). De modo similar, os inquiridos que se posicionam ao centro (69%) e à direita (81%) são mais propensos a avaliar negativamente o trabalho do governo do que os de esquerda (54%).

3. Avaliação da situação da economia

"Falando agora sobre a situação da economia em Portugal: no último ano, acha que a situação da economia melhorou muito, melhorou, ficou na mesma, piorou ou piorou muito?"

% em relação ao total da amostra

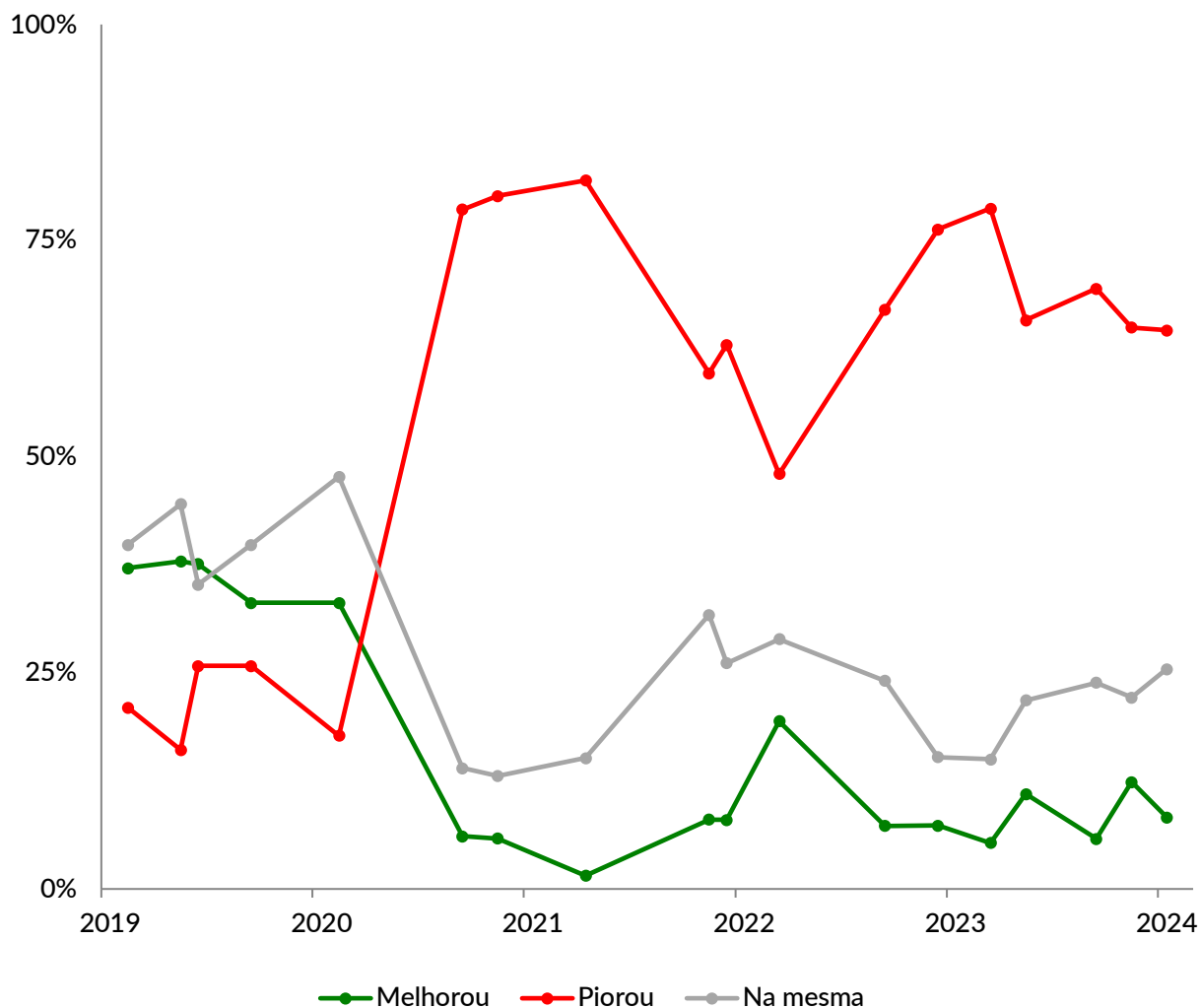


Recolha: 16 a 25 de janeiro de 2024. Valores são arredondamentos à unidade.

A maioria dos inquiridos considera que, no último ano, a situação da economia portuguesa “piorou” (48%) ou “piorou muito” (17%). Para 25%, a economia portuguesa ficou na mesma, enquanto apenas 8% consideram que “melhorou”.

Avaliação da evolução da economia em Portugal no último ano

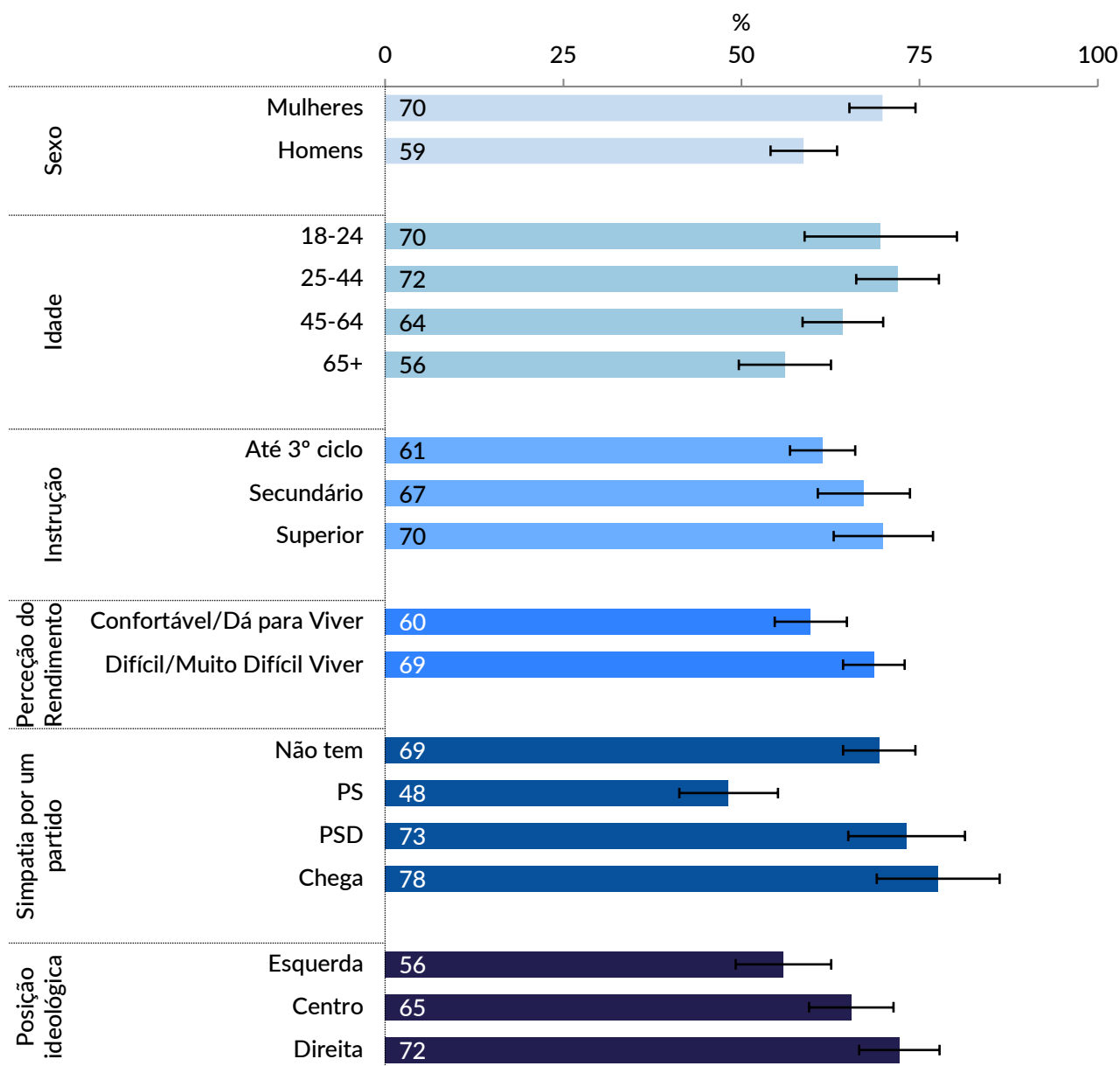
% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.



Nesta sondagem, a avaliação da evolução da economia apresenta valores similares aos observados em novembro de 2023. A percentagem de inquiridos que acham que a situação piorou é igual (65%) à encontrada no estudo anterior. Há, contudo, oscilações dignas de nota: por um lado, a percentagem dos que consideram que a situação económica do país melhorou desceu de 12% para 8%, enquanto a proporção dos que acham que ficou na mesma apresenta um aumento de magnitude similar (de 22% para 25%). As perceções negativas continuam a superar largamente as positivas, sendo este um padrão que se mantém há mais de três anos.

Avaliações negativas da economia

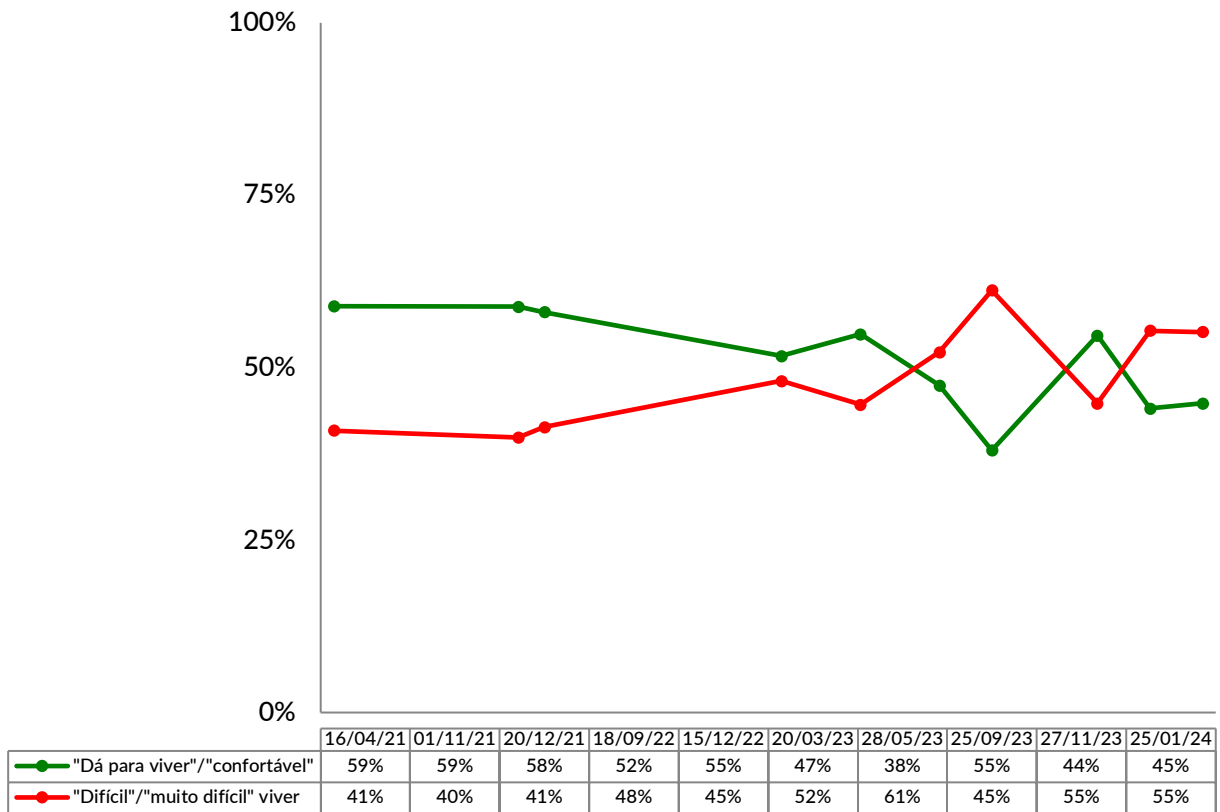
% respostas "piorou" ou "piorou muito" em cada subgrupo



Analisando a opinião sobre a evolução da economia por grupo sociodemográfico, verificam-se maiores prevalências de opiniões negativas entre as mulheres (70%), os adultos mais jovens (com 25 a 44 anos; 72%) – que neste âmbito se distinguem claramente daqueles com 65 ou mais anos (56%) – e, tendencialmente, aqueles que consideram difícil ou muito difícil viver com o seu rendimento (69%). Em termos sociopolíticos, há uma diferença entre, por um lado, os simpatizantes do PS (apenas 48% têm uma opinião negativa sobre a evolução da economia) e, por outro, os simpatizantes do Chega, os do PSD e os que não têm nenhuma simpatia partidária, muito mais propensos a exprimir avaliações negativas (respetivamente 78%, 73% e 69%). Em termos ideológicos, há mais avaliações negativas da evolução da economia entre os inquiridos que se definem como sendo de direita (72%) do que entre os de esquerda (56%).

4. Conforto/dificuldade em viver com o rendimento do agregado familiar

Relativamente ao rendimento do seu agregado familiar, diria que
% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha.

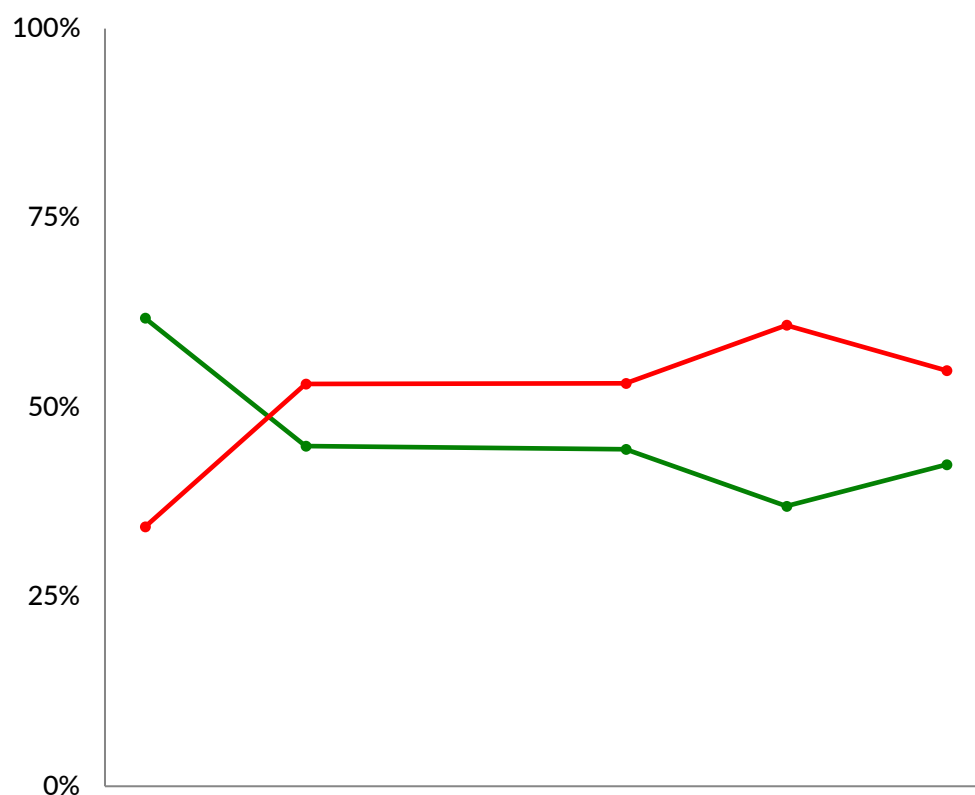


As perceções relativas ao rendimento auferido não sofreram alterações entre novembro de 2023 e janeiro de 2024, com uma maioria dos inquiridos (55%) a referir que é difícil ou muito difícil viverem com o rendimento do agregado familiar

5. Atitudes em relação à imigração

"Em que medida Portugal deve deixar que pessoas dos países mais pobres fora da Europa venham e fiquem a viver cá?"

% em relação ao total das amostras; data do último dia de recolha



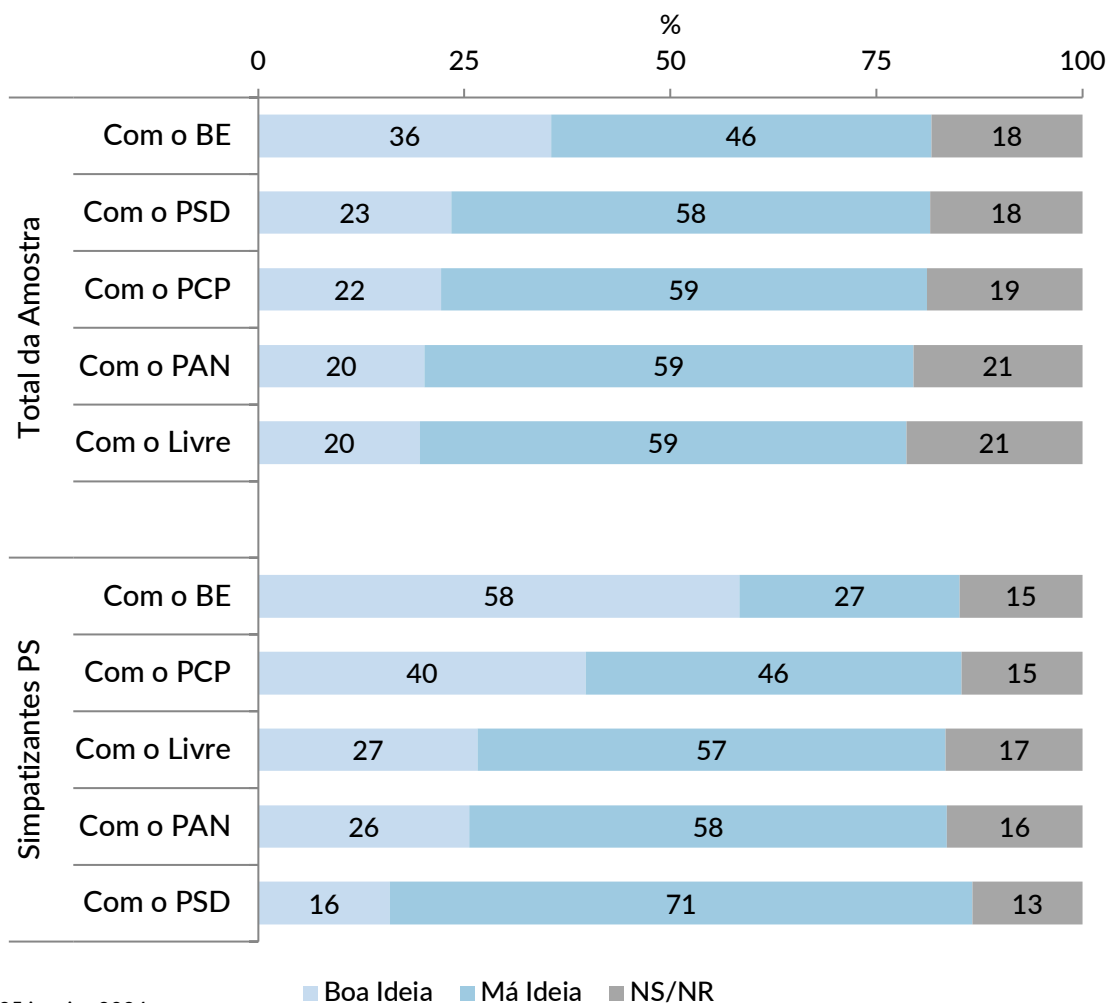
	20/03/23	28/05/23	25/09/23	27/11/23	25/01/24
—●— Muitas pessoas + algumas pessoas	62%	45%	44%	37%	42%
—●— Poucas pessoas + ninguém	34%	53%	53%	61%	55%

Em relação a novembro de 2023, observa-se um aumento (de 37% para 42%) na proporção dos inquiridos que consideram que Portugal deveria deixar que “muitas pessoas” ou “algumas pessoas” dos países mais pobres fora da Europa venham e fiquem a viver no país. Apesar dessa mudança recente, as atitudes mais restritivas face a este tipo de imigração continuam a ser maioritárias (55%), o que vem sucedendo desde maio passado, em contraste com o que sucedia no primeiro estudo realizado este ano (em março).

6. Preferências de negociação se o PS for indicado para formar governo, mas não tiver maioria

"Para o PS conseguir formar governo, é uma boa ideia ou uma má ideia tentar fazer acordos políticos com cada um dos seguintes partidos?"

% em relação ao total da amostra e ao subgrupo dos simpatizantes do PS

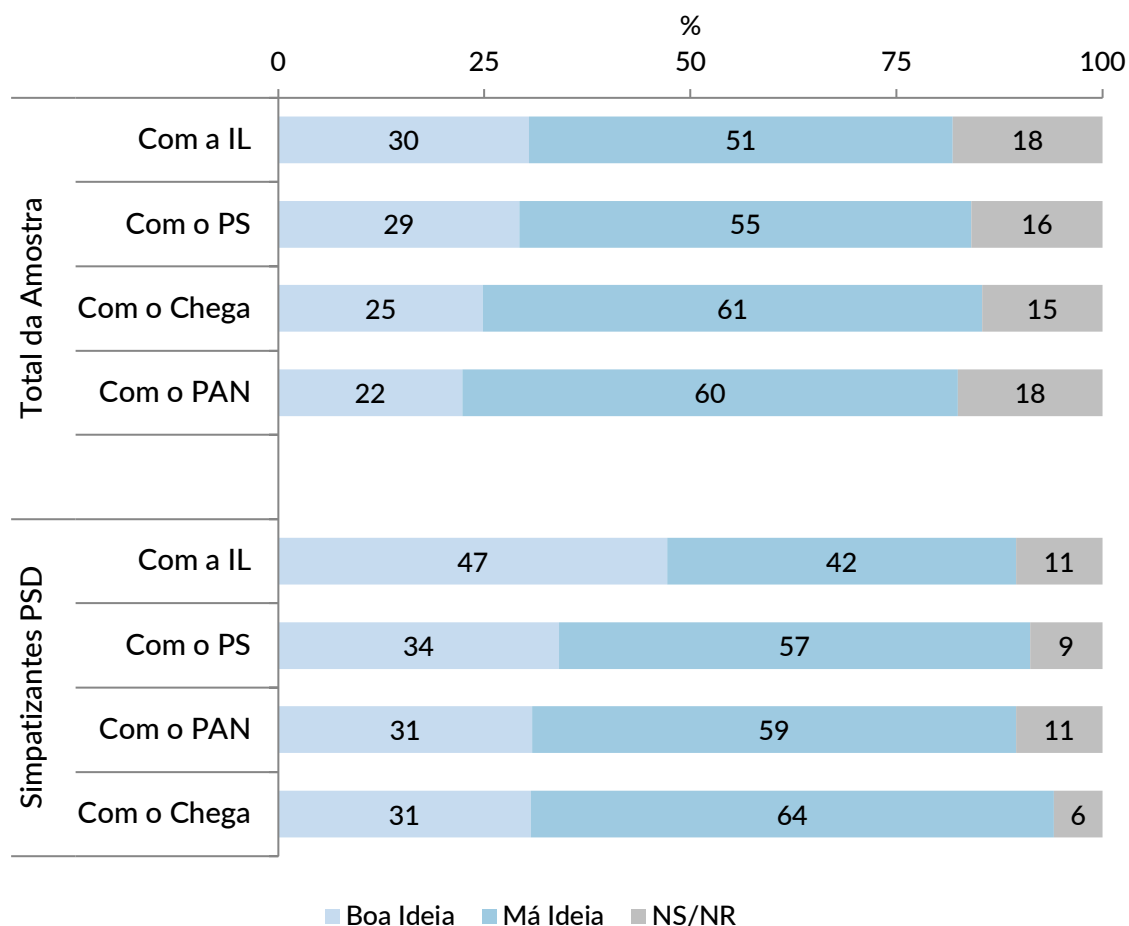


Olhando para a totalidade da amostra, verifica-se que, no caso de o PS ser indicado para formar governo num cenário em que nenhum partido obteve maioria absoluta, o estabelecimento de acordos políticos com o PSD, o PCP, o PAN ou o Livre é considerado “má ideia” por cerca de três quintos dos inquiridos (58% a 60%). Contudo, a realização de um acordo político com o BE é vista com bons olhos por 36% dos inquiridos, enquanto 46% se posicionam de forma desfavorável face a essa eventualidade. Quando a análise se foca apenas nos simpatizantes do PS, observa-se uma opinião favorável mais expressiva face a acordos políticos com o BE (58%) e com o PCP (40%), embora os simpatizantes do PS se mostrem globalmente divididos face a esta última possibilidade. Por outro lado, a proporção dos que acham que estabelecer acordos políticos com o PSD é “má ideia” é de 71%, um valor treze pontos percentuais mais alto que o identificado na globalidade da amostra.

7. Preferências de negociação se o PSD for indicado para formar governo, mas não tiver maioria

"Para o PSD conseguir formar governo, é uma boa ideia ou uma má ideia tentar fazer acordos políticos com cada um dos seguintes partidos?"

% em relação ao total da amostra e ao subgrupo dos simpatizantes do PSD



Recolha: 16-25 janeiro 2024

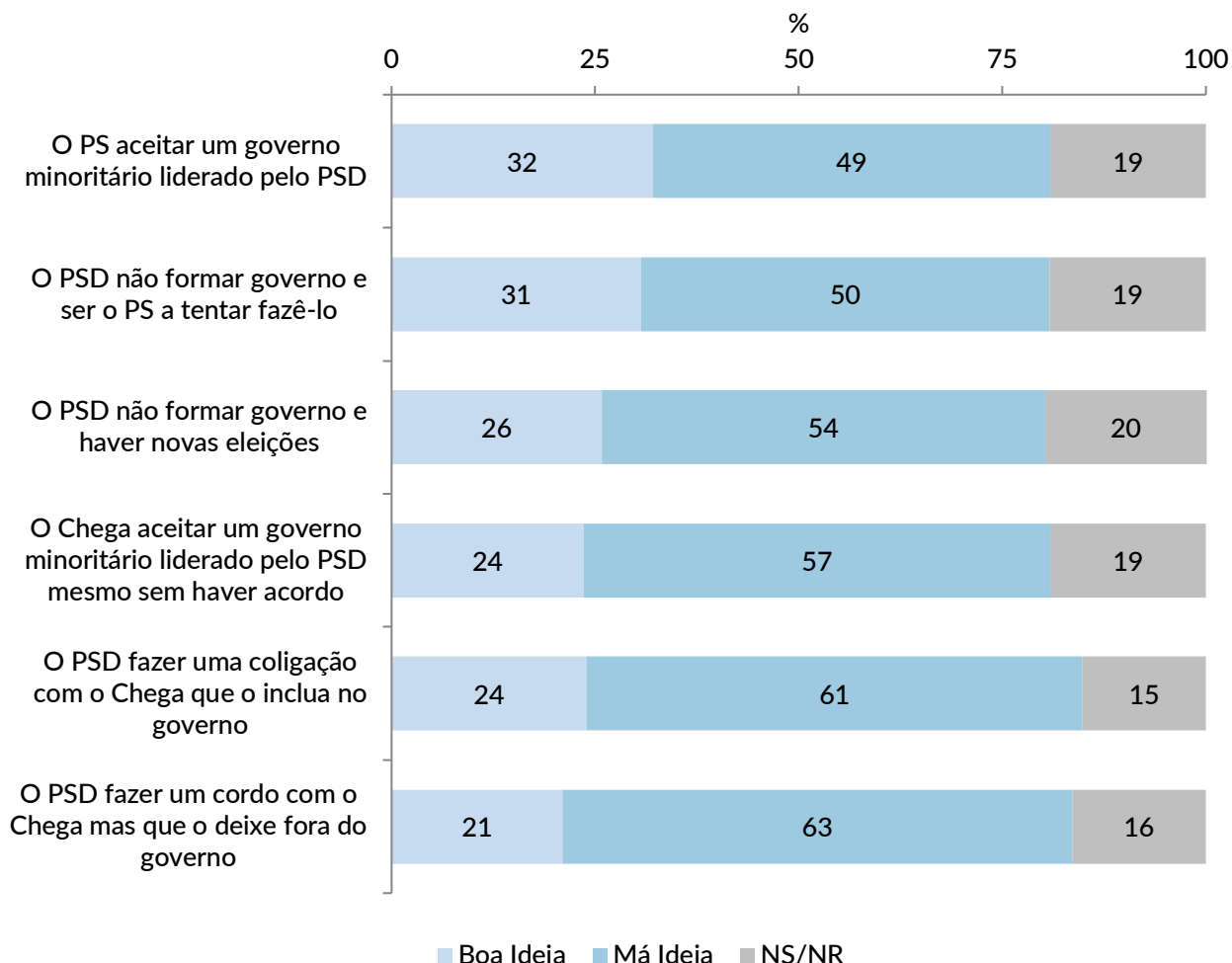
No caso de ser o PSD a ser indicado para formar governo num contexto em que nenhum partido obteve maioria absoluta, uma análise focada na totalidade da amostra revela que os inquiridos consideram maioritariamente "má ideia" o estabelecimento de acordos políticos entre o PSD e a IL, o PS, o Chega ou o PAN. Ainda assim, a rejeição de acordos com estes dois últimos partidos é mais expressiva (61% e 60%, respetivamente) do que a relativa à IL (51%) e ao PS (55%). Quando a análise recai apenas sobre os simpatizantes do PSD, a diferença mais expressiva face à globalidade da amostra diz respeito ao facto de a realização de acordos com a IL ser vista com bons olhos por uma maior proporção de inquiridos (47% vs. 30%).

8. Preferências se o PSD for indicado para formar governo e o Chega for necessário para uma maioria de direita

8.1 Total da amostra

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia.."

% em relação ao total da amostra



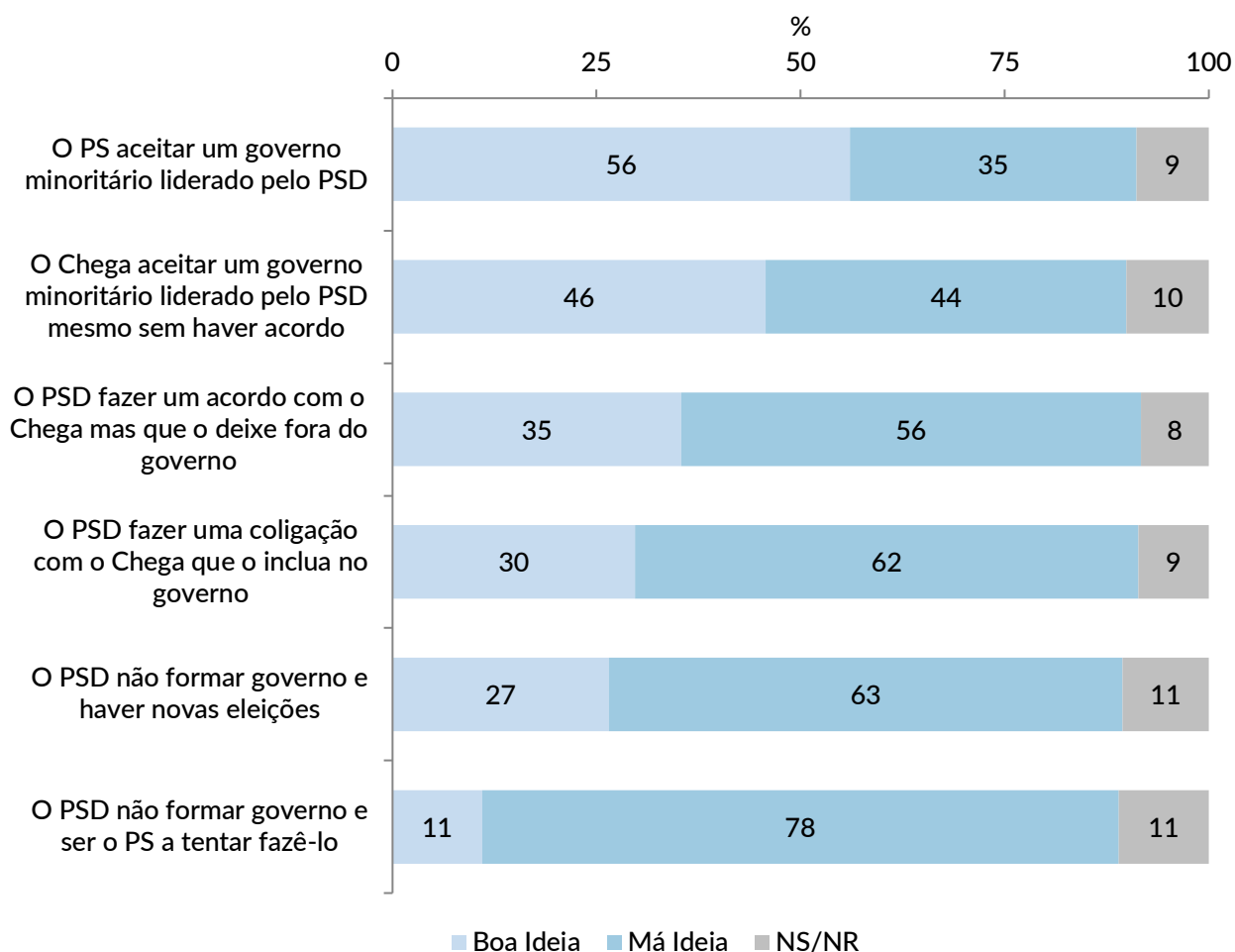
Recolha: 16-25 janeiro 2024

No mesmo cenário, mas caso o Chega seja necessário para que haja uma maioria de direita, as soluções que são vistas como uma "má ideia" por proporções comparativamente mais pequenas da totalidade da amostra são o PS aceitar um governo minoritário do PSD (49%), o PS tentar formar governo em vez do PSD (50%) e a realização de novas eleições (54%). O estabelecimento de acordos com o Chega, independentemente de envolverem uma coligação ou não, é considerado "má ideia" por percentagens mais expressivas dos inquiridos (61% e 63%, respetivamente).

8.2 Simpatizantes do PSD

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia.."

% em relação ao subgrupo dos simpatizantes do PSD



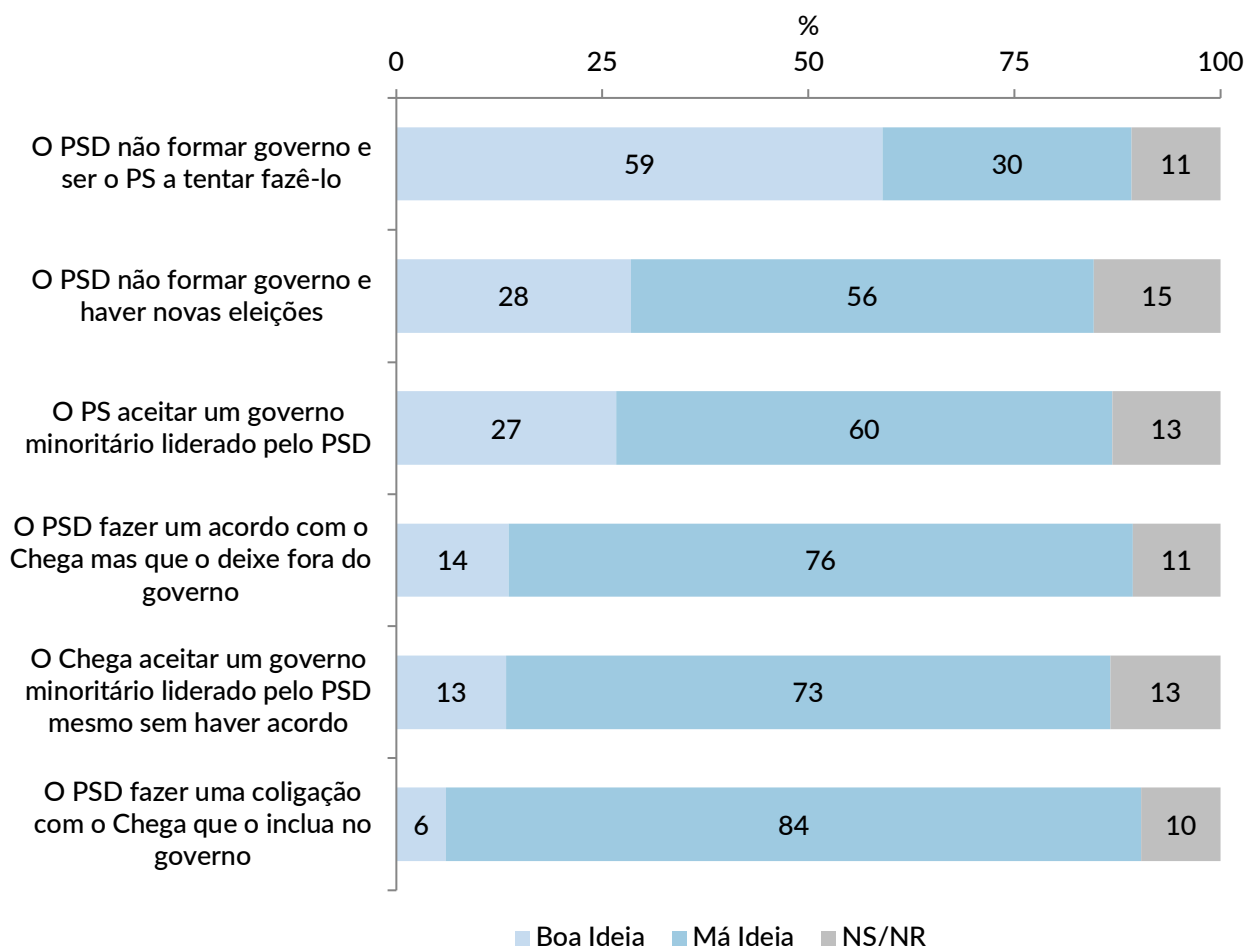
Recolha: 16-25 janeiro 2024

Olhando apenas para os simpatizantes do PSD, observa-se que há apenas uma solução que uma maioria (56%) considera “boa ideia”: o PS aceitar um governo minoritário liderado pelo PSD. Neste subgrupo, e em comparação com a totalidade da amostra, a proporção dos que olham com bons olhos para o Chega aceitar um governo minoritário do PSD mesmo sem haver acordos entre estes dois partidos é quase duas vezes mais alta (46% vs. 24%). Dito isto, os simpatizantes do PSD mostram-se divididos quanto à possibilidade de viabilização de um governo social-democrata por parte do Chega sem o estabelecimento de acordos: 46% acham “boa ideia” e 44% “má ideia”. A possibilidade de um acordo com o Chega mas que o deixe fora do governo é considerada “má ideia” por 56% dos inquiridos que simpatizam com o PSD, percentagem que aumenta para 62% quando se coloca um cenário de possível coligação com o Chega. Dito isto, que neste contexto o PSD não forme governo, havendo novas eleições ou deixando que o PS tente formar governo, são soluções também vistas como indesejáveis por majorias dos simpatizantes do PSD, especialmente a segunda (78% acham-na “má ideia”).

8.3 Simpatizantes do PS

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia..."

% em relação ao subgrupo dos simpatizantes do PS



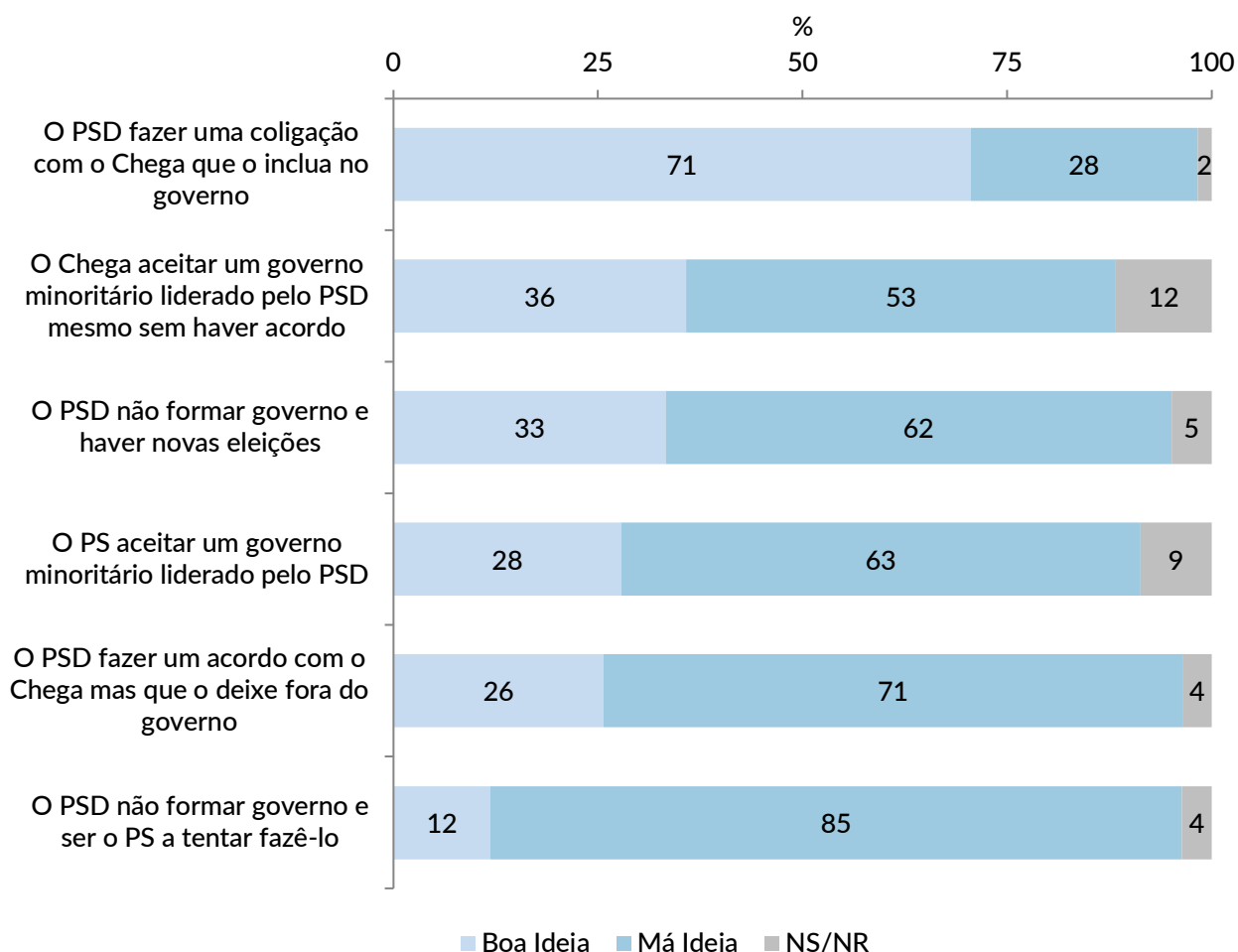
Recolha: 16-25 janeiro 2024

Por sua vez, olhando apenas para os simpatizantes do PS, verifica-se que 59% dos membros deste subgrupo acham “boa ideia” o PSD não formar governo neste contexto, e que o PS o tente fazer. Qualquer solução que envolva o Chega (que este partido apoie o PSD mesmo sem acordo, que haja um acordo que não o inclua no governo, ou que haja um acordo que o inclua no governo) é considerada má ideia por majorias muito expressivas simpatizantes do PS (73%, 76% e 84%, respetivamente). Os simpatizantes do PS posicionam-se também maioritariamente de forma desfavorável face à realização de novas eleições (56%) ou à viabilização de um governo minoritário do PSD por parte dos socialistas (60%).

8.4 Simpatizantes do Chega

"Acha que é uma boa ideia ou uma má ideia.."

% em relação ao subgrupo dos simpatizantes do Chega



Recolha: 16-25 janeiro 2024

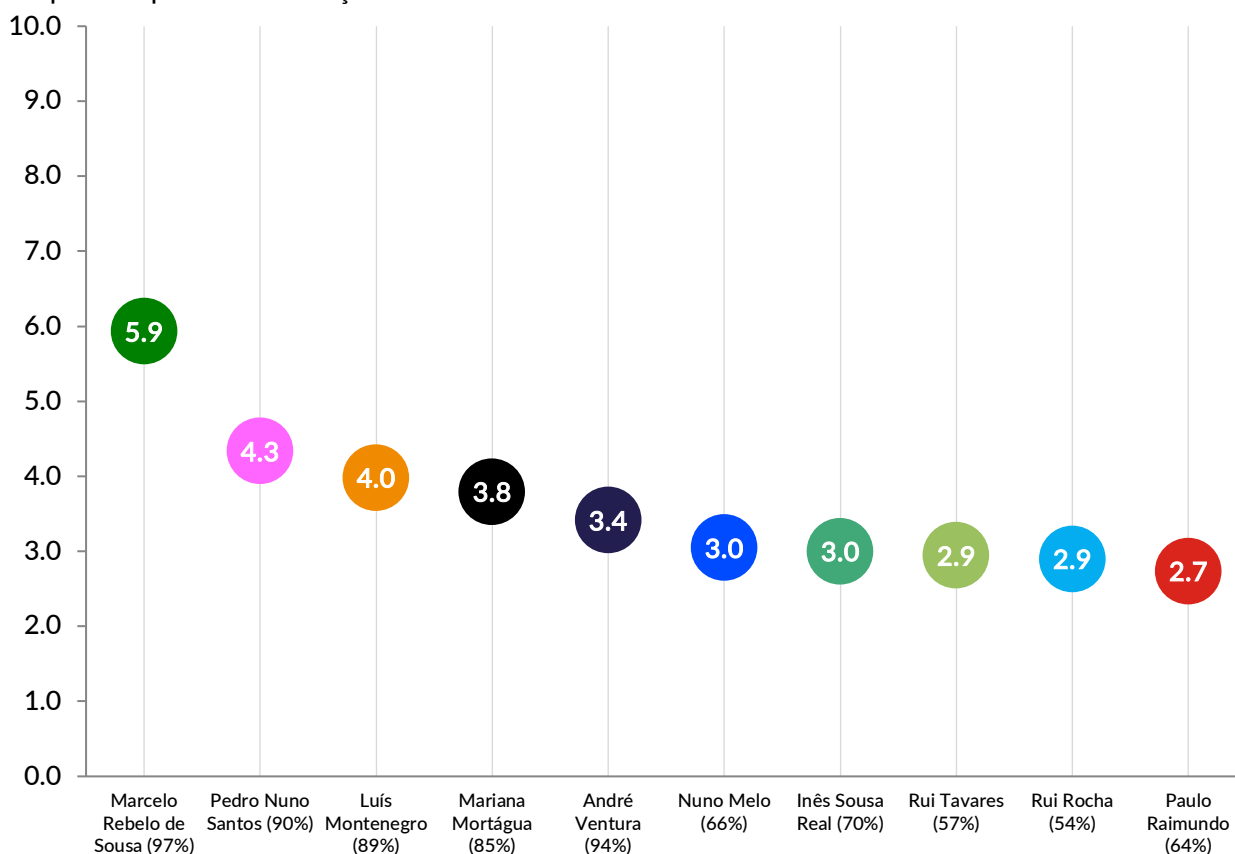
Por fim, olhando para os simpatizantes do Chega, uma maioria expressiva (71%) considera que, neste cenário, o estabelecimento de acordos com o PSD que incluam o Chega no executivo é “boa ideia”. A mesma proporção considera que acordos que deixem o Chega fora do governo é “má ideia”. Ser o PS, e não o PSD, a tentar formar governo nesse contexto é a solução mais fortemente rejeitada pelos membros deste subgrupo de inquiridos, sendo considerada “má ideia” por 85%.

9. Avaliação da atuação de figuras políticas

9.1 Totalidade da amostra

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos com respostas válidas; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



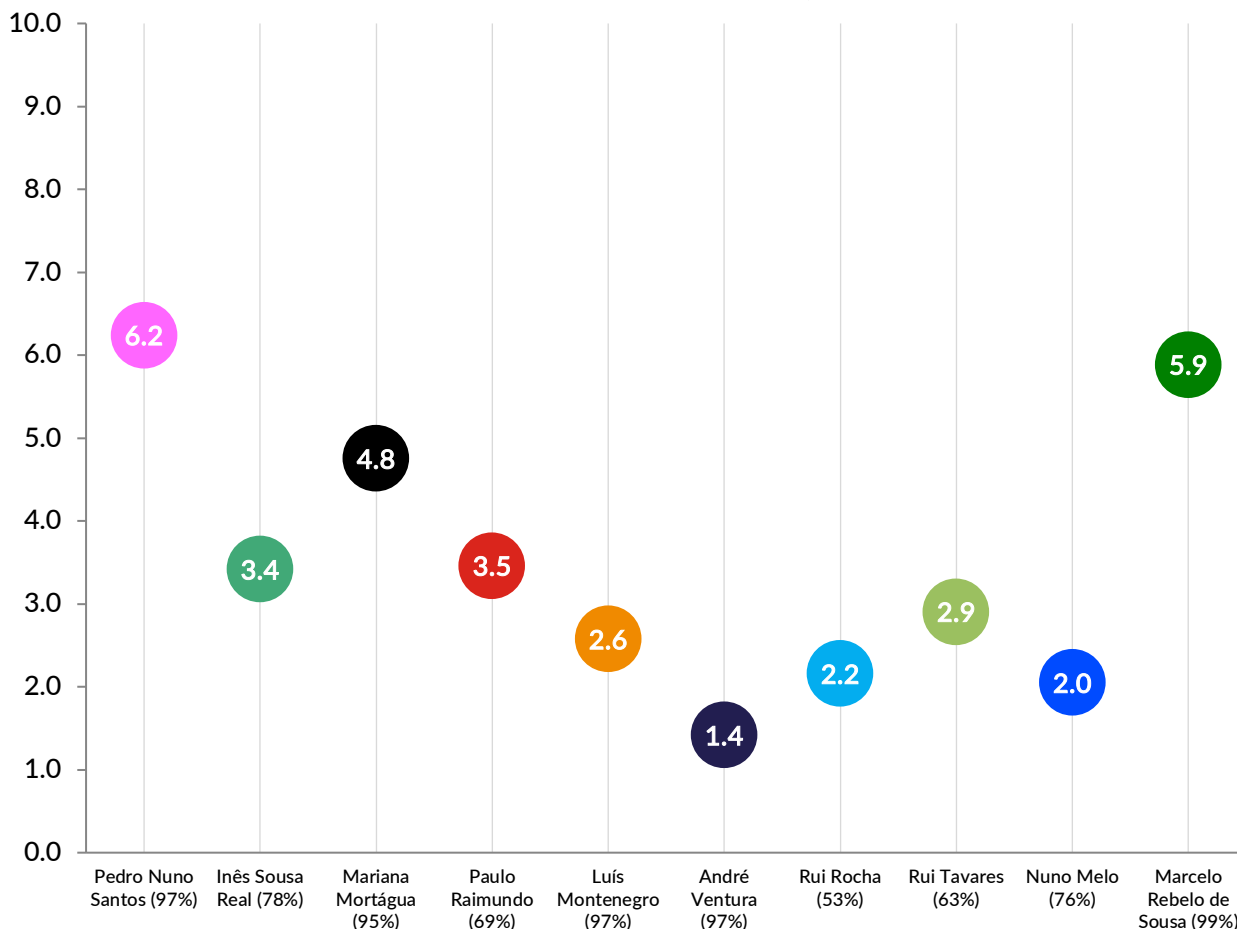
Recolha: 16 a 25 de janeiro de 2024

A avaliação média da actuação de Marcelo Rebelo de Sousa atingiu em janeiro o valor de 5,9 numa escala que vai de 0 (“muito negativa”) a 10 (“muito positiva”). Apesar de globalmente positivo, é um valor significativamente mais baixo que o identificado da última vez em que esta pergunta foi feita, em setembro de 2023 (6,6). Por sua vez, a actuação de Pedro Nuno Santos, avaliada pela primeira vez nesta sondagem, recebe uma avaliação média de 4,3. Trata-se de um valor inferior ao ponto médio da escala (5) e ligeiramente mais baixo que a última avaliação de António Costa em setembro de 2023 (4,6). Seguem-se Luís Montenegro (4,0), Mariana Mortágua (3,8), André Ventura (3,4), Nuno Melo e Inês Sousa Real (alvo da mesma avaliação, 3,0), Rui Tavares e Rui Rocha (também com a mesma classificação média, 2,9) e, por fim, Paulo Raimundo (2,7). Face a setembro de 2023, para além da quebra na avaliação da actuação do Presidente da República, merece destaque a melhoria da avaliação média da actuação de Luís Montenegro (de 3,6 para 4) e de André Ventura (de 2,9 para 3,4).

9.2 Inquiridos que se posicionam à esquerda

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos com um posicionamento ideológico à esquerda do espectro político; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



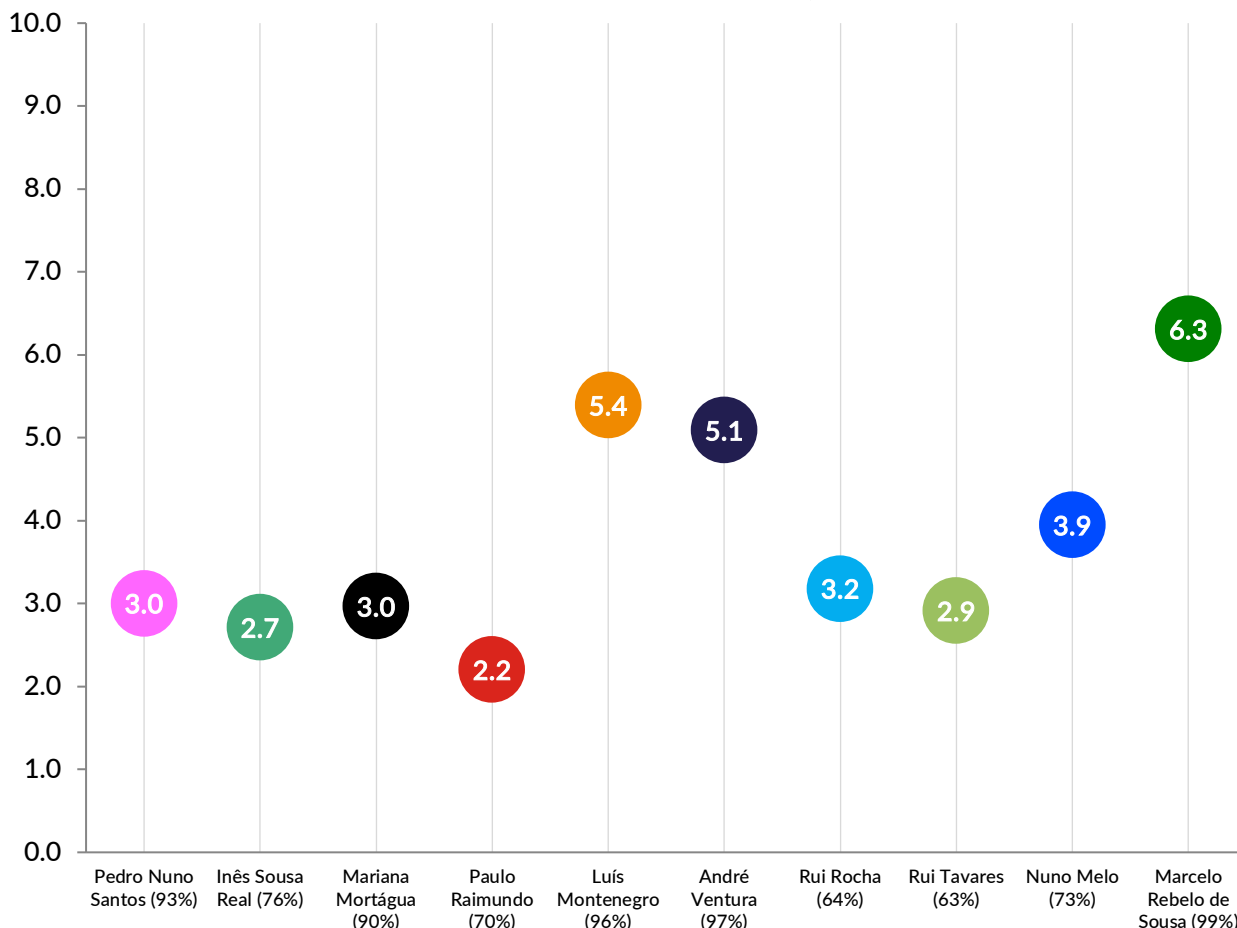
Recolha: 16 a 25 de janeiro de 2024

Entre os inquiridos que se posicionam à esquerda, a atuação de Pedro Nuno Santos é alvo de uma avaliação globalmente positiva (6,2), tal como a de Marcelo Rebelo de Sousa (5,9). Segue-se, colada ao ponto médio da escala, Mariana Mortágua (4,8) e, com valores mais modestos, Paulo Raimundo (3,5) e Inês Sousa Real (3,4). André Ventura é o líder partidário cuja atuação recebe uma avaliação média mais negativa neste subgrupo de inquiridos que se posicionam à esquerda (1,4), abaixo da de outros líderes de partidos de centro-direita ou direita.

9.3 Inquiridos que se posicionam à direita

Avaliação da actuação recente de líderes políticos, numa escala de 0 ("muito negativa") a 10 ("muito positiva")

Avaliação média dos inquiridos com um posicionamento ideológico à direita do espectro político; entre parêntesis, % de inquiridos que fazem avaliação



Recolha: 16 a 25 de janeiro de 2024

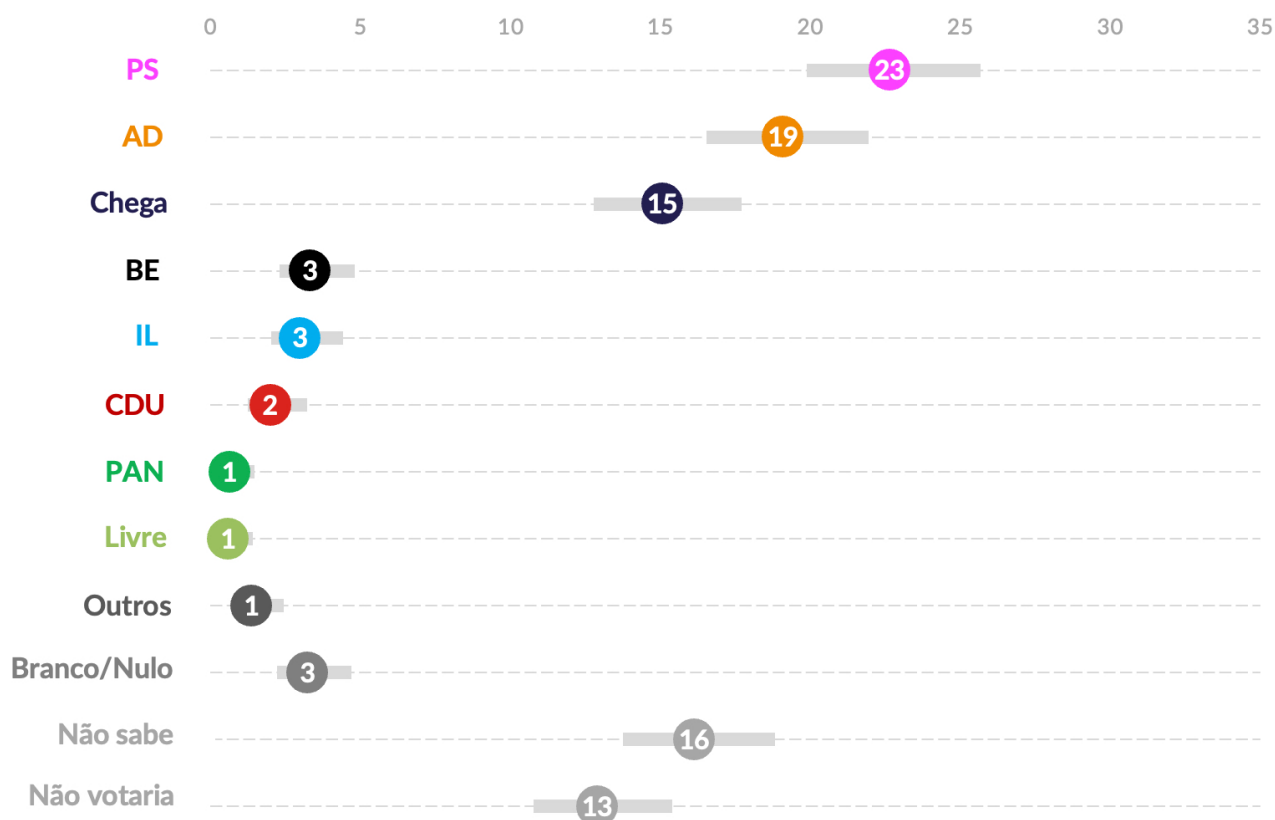
Por sua vez, entre os inquiridos que se posicionam à direita, depois de Marcelo Rebelo de Sousa (6,3), os líderes cuja atuação recebe avaliações mais elevadas são Luís Montenegro (5,4) e André Ventura (5,1). Ambos foram agora alvo de uma avaliação mais positiva por parte deste subgrupo do que em setembro de 2023 (nessa sondagem, os valores aferidos foram, respetivamente, 4,9 e 4,3). Todos os outros líderes partidários recebem avaliações negativas, sendo a classificação mais baixa atribuída à atuação de Paulo Raimundo (2,2).

10. Intenção direta de voto em eleições legislativas

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

% em relação ao total da amostra

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas

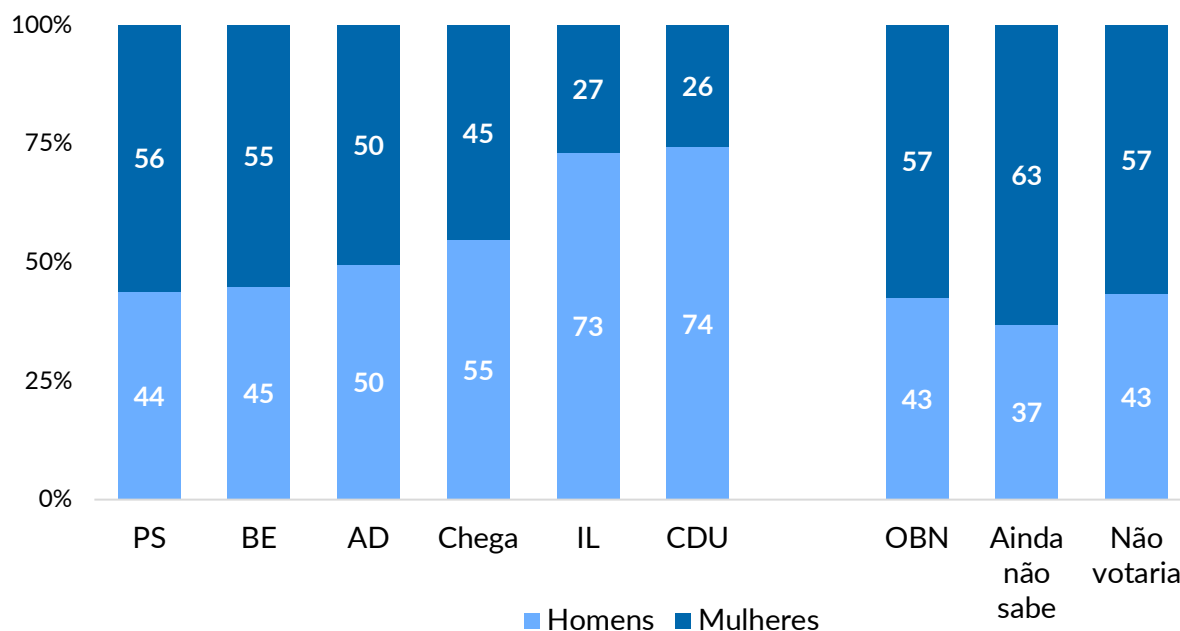


Recolha: 16-25 janeiro 2024. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade. CI Wilson 95%.

As questões sobre “intenção de voto” obrigam os inquiridos a declarar uma intenção comportamental perante uma situação hipotética — “como votaria se houvesse hoje eleições”. Estes valores não devem ser vistos como tendo valor preditivo em relação ao que possa vir a ser o comportamento dos eleitores em futuras eleições, comportamento esse que, por definição, só pode ser medido com validade após ter ocorrido (como sucede nas sondagens “à boca das urnas”). Cerca de 16% dos inquiridos afirmam não saber como votariam. Outros 13% são inquiridos que afirmam que não votariam. Importa notar que este valor de 13% não é diretamente comparável a possíveis valores oficiais de abstenção eleitoral: os abstencionistas têm menor propensão a responder a estudos de opinião, a intenção de não votar tende a não ser plenamente assumida e a abstenção oficial é superior à abstenção “real” (devido ao fenómeno da chamada “abstenção técnica”). Neste gráfico, são apenas destacados os partidos com uma intenção direta de voto igual ou superior a 1%, após arredondamento. Para além dos partidos listados no gráfico, houve também inquiridos que declararam intenções de voto, em valores inferiores, nos seguintes partidos: Ergue-te!; Nós, Cidadãos!; Alternativa Democrática Nacional; PCTP/MRPP; PTP; MPT; Volt Portugal; e RIR.

10.1 Composição sociodemográfica dos eleitorados

Mulheres e homens, por intenção de voto % em cada intenção direta de voto

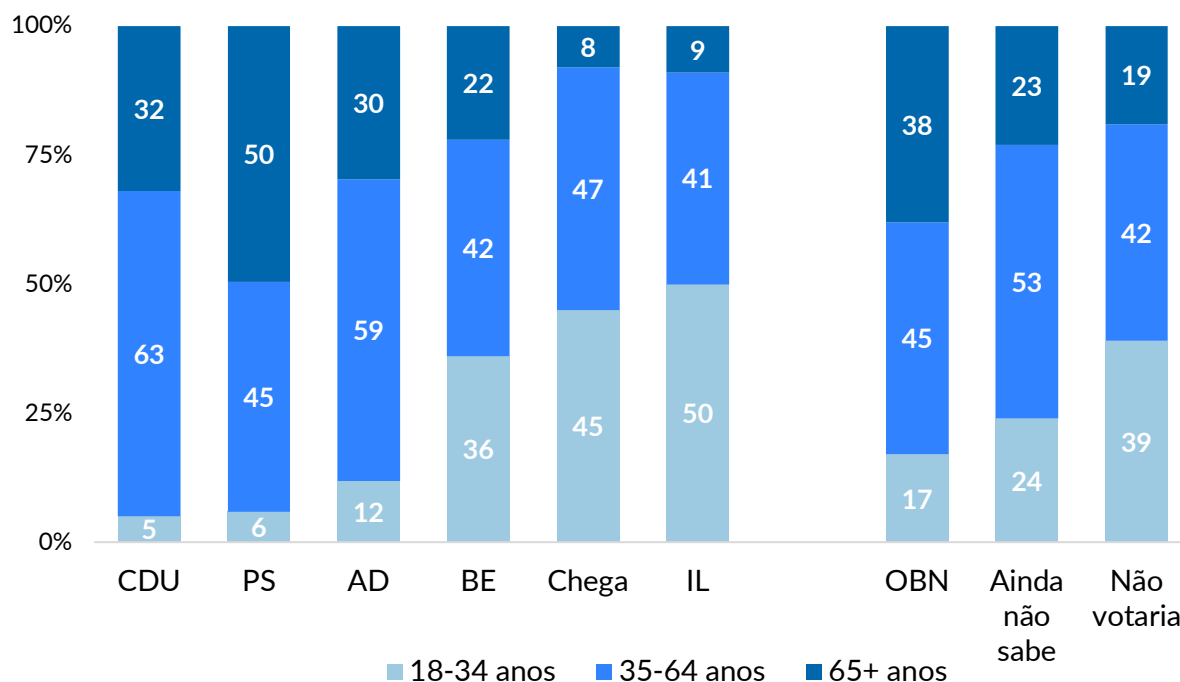


Recolha: 16-25 janeiro 2024. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade.

Os dados apontam para a existência de uma associação estatisticamente significativa entre o sexo dos inquiridos e as intenções de voto que manifestam. Em particular, a distribuição entre homens e mulheres nos eleitorados da IL e da CDU afasta-se muito da distribuição entre sexos da totalidade da população eleitora, com um predomínio de homens. O grupo dos que declaram que votariam no Chega é composto por uma maioria de homens, mas de forma menos acentuada em que estudos anteriores. Pelo contrário, as mulheres têm um peso desproporcionalmente alto entre os que “não sabem em quem votariam”.

Grupos etários, por intenção de voto

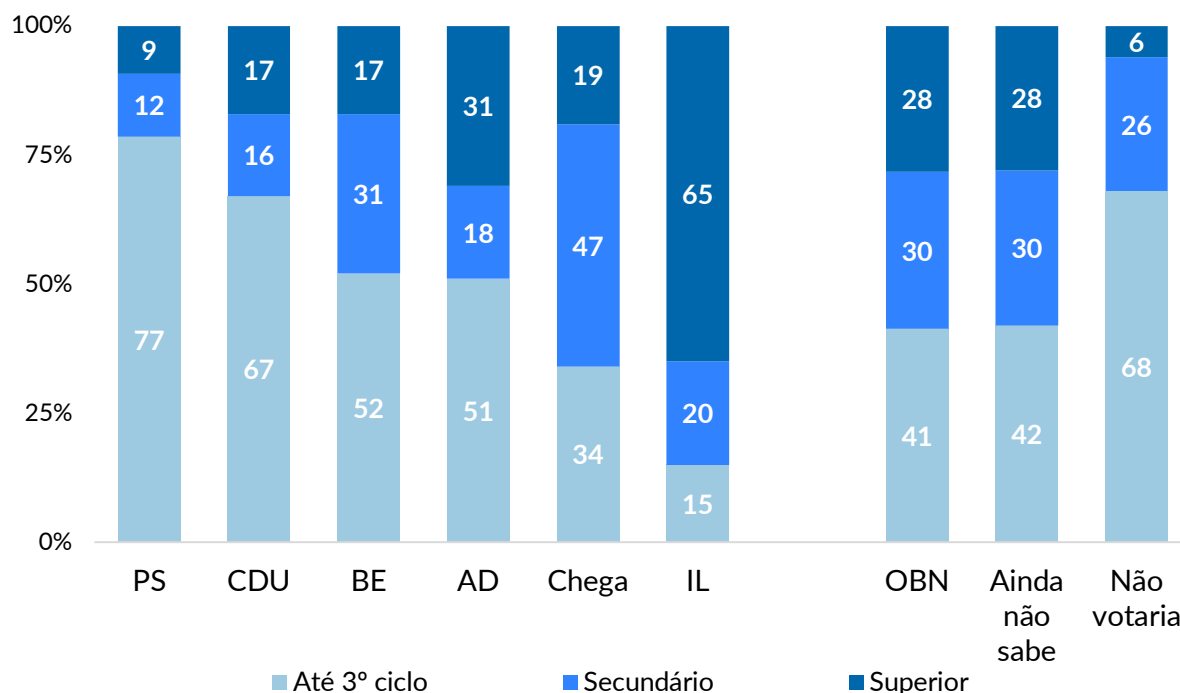
% em cada intenção direta de voto



Recolha: 16-25 janeiro 2024. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade.

Existe uma associação estatisticamente significativa entre a intenção de voto manifestada pelos inquiridos e o grupo etário a que pertencem. Comparando com o que se passa com outros partidos, os jovens adultos têm um peso desproporcionalmente elevado entre os que declaram que votariam na IL e no Chega, assim como entre os que votariam no BE e os que declaram que não votariam. Pelo contrário, esses jovens adultos representam parcelas muito pequenas daqueles que declaram que votariam na CDU, no PS ou na AD. O grupo dos que têm entre 35 e 64 anos tem uma expressão significativamente mais forte entre os eleitores da AD. Finalmente, os inquiridos com 65 ou mais anos representam segmentos desproporcionalmente grandes entre os que votariam no PS, passando-se o oposto entre os que declaram que votariam no Chega ou que não votariam.

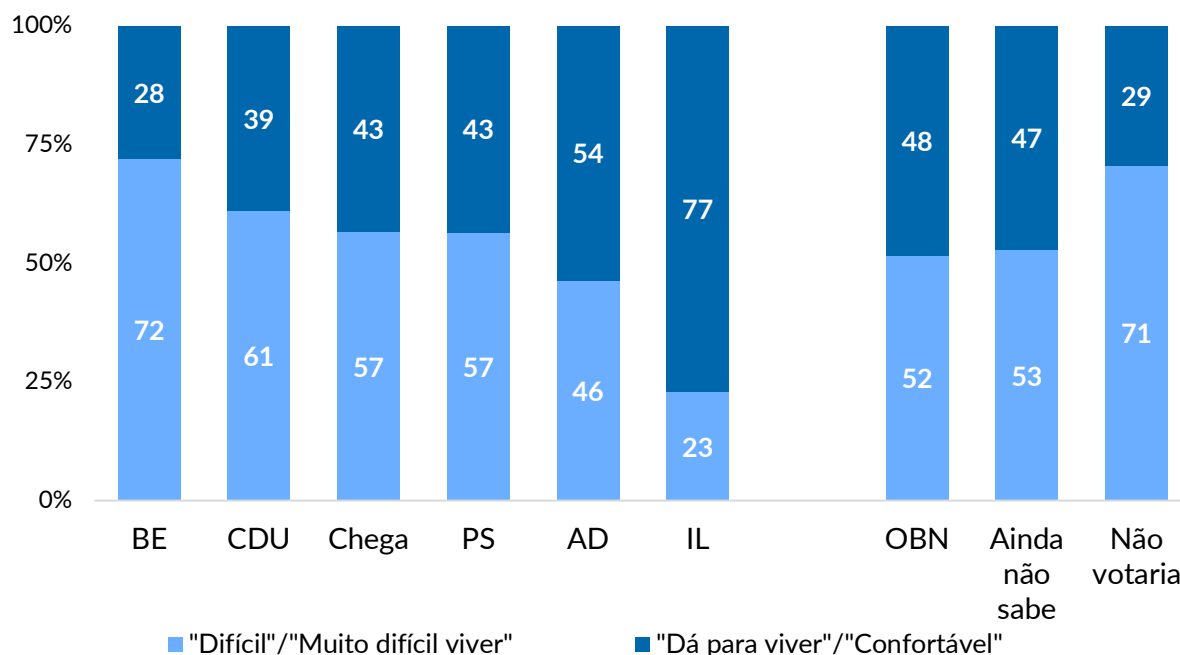
Nível de instrução completado, por intenção de voto % em cada intenção direta de voto



Recolha: 16-25 janeiro 2024. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade.

Existe uma associação estatisticamente significativa entre as intenções de voto manifestadas e o nível mais alto de instrução completado pelos inquiridos. Os grupos de inquiridos que declararam que votariam no PS, assim como aqueles que responderam que não votariam, têm uma presença desproporcionalmente alta de inquiridos cujo grau de instrução é inferior ao secundário. No extremo oposto, entre as intenções de voto recebidas pela IL e, em muito menor grau, pela AD, os inquiridos que completaram o ensino superior ocupam um papel mais destacado que nos restantes grupos. No caso do Chega, a presença de inquiridos que têm níveis de instrução intermédios — acima do 3.º ciclo mas abaixo do ensino superior — tem especial relevância.

Perceção do rendimento do agregado, por intenção de voto (%)
 % em cada intenção direta de voto



Recolha: 16-25 janeiro 2024. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade.

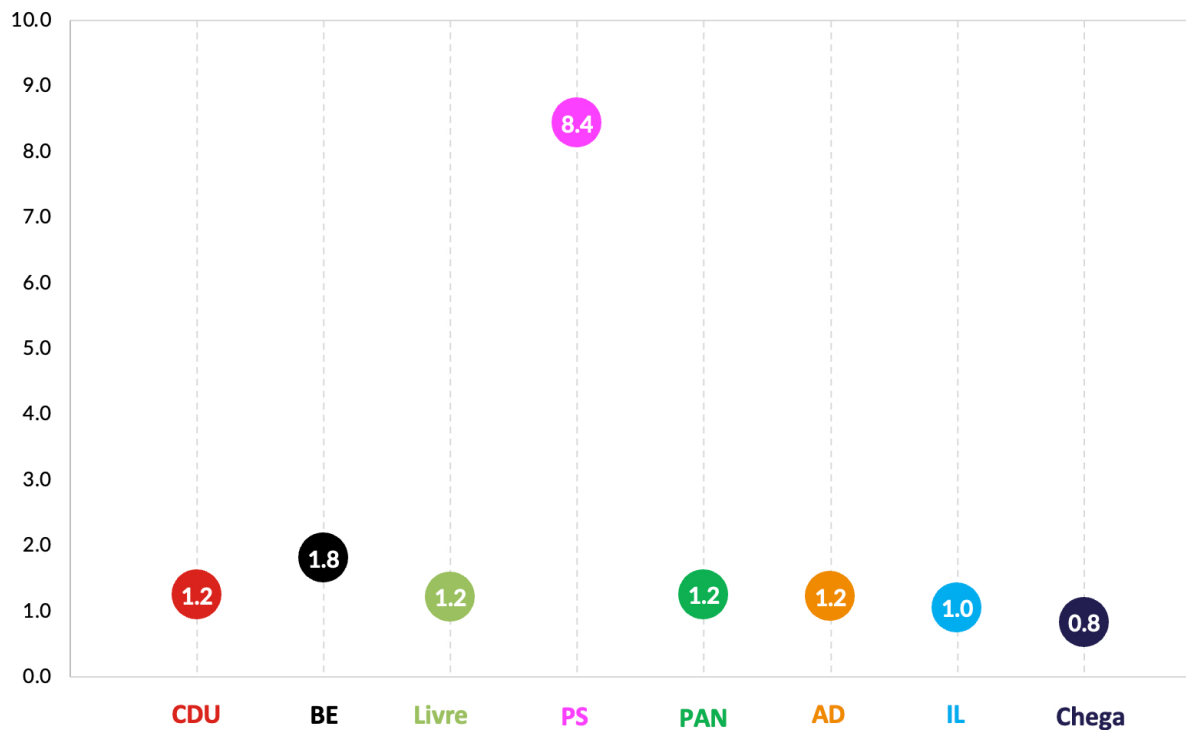
Existe uma associação estatisticamente significativa entre as intenções de voto manifestadas e a percepção que os inquiridos têm sobre o rendimento do seu agregado familiar em termos de “dificuldade” vs. “conforto”. Os inquiridos que declaram que votariam na AD e especialmente na IL exibem níveis de conforto com o rendimento auferido pelo agregado familiar acima dos que caracterizam a generalidade dos inquiridos. Pelo contrário, os que declaram que votariam no BE ou que não votariam são desproporcionalmente compostos por inquiridos que dizem viver com dificuldades.

10.2 Probabilidade de votar em cada um dos principais partidos

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores do PS

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



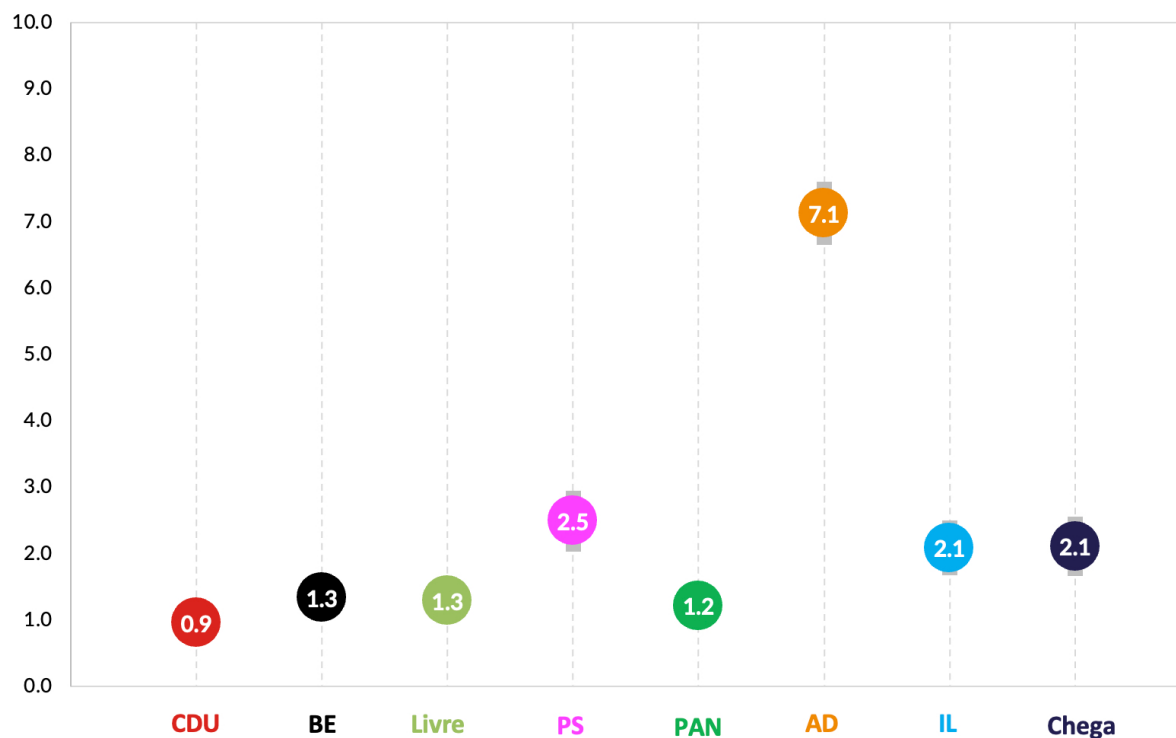
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Antes que tivesse sido recolhida a sua intenção de voto, os inquiridos foram questionados sobre a probabilidade de votarem em oito diferentes partidos ou coligações, medida numa escala de 0 (nada provável) a 10 (muito provável). Entre aqueles que expressaram uma intenção de voto no PS, a probabilidade média de votarem nesse partido é de 8,4, muito superior à obtida para qualquer outro partido ou coligação.

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores da AD

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



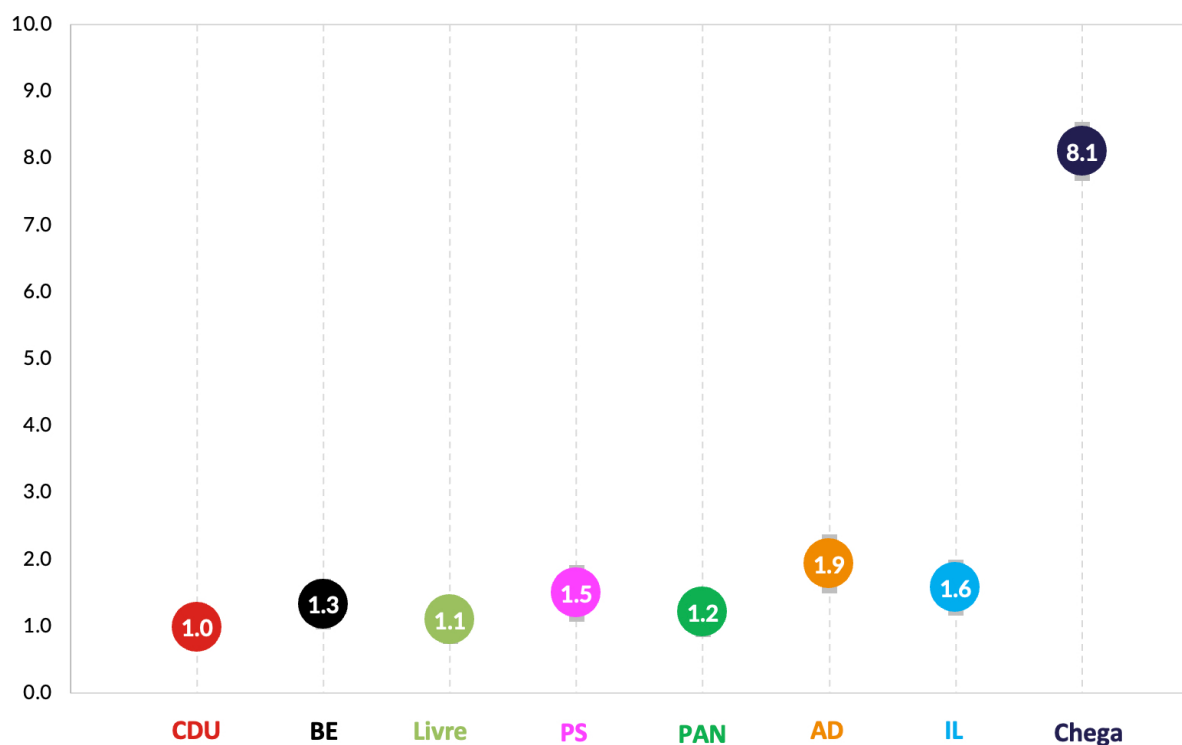
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Entre os que expressaram a intenção de votar na AD, a probabilidade média declarada de votarem nessa coligação é de 7,1, claramente acima da obtida para qualquer outro partido ou coligação, mas inferior à probabilidade de votar PS encontrada entre os que responderam que votariam nesse partido (8,4). Para além disso, entre os que declararam que votariam AD, há três outras forças que aparecem com probabilidades médias que, embora baixas, são superiores a 2: o Chega, a IL e o próprio PS.

Probabilidade de votar em cada partido entre **eleitores do Chega**

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



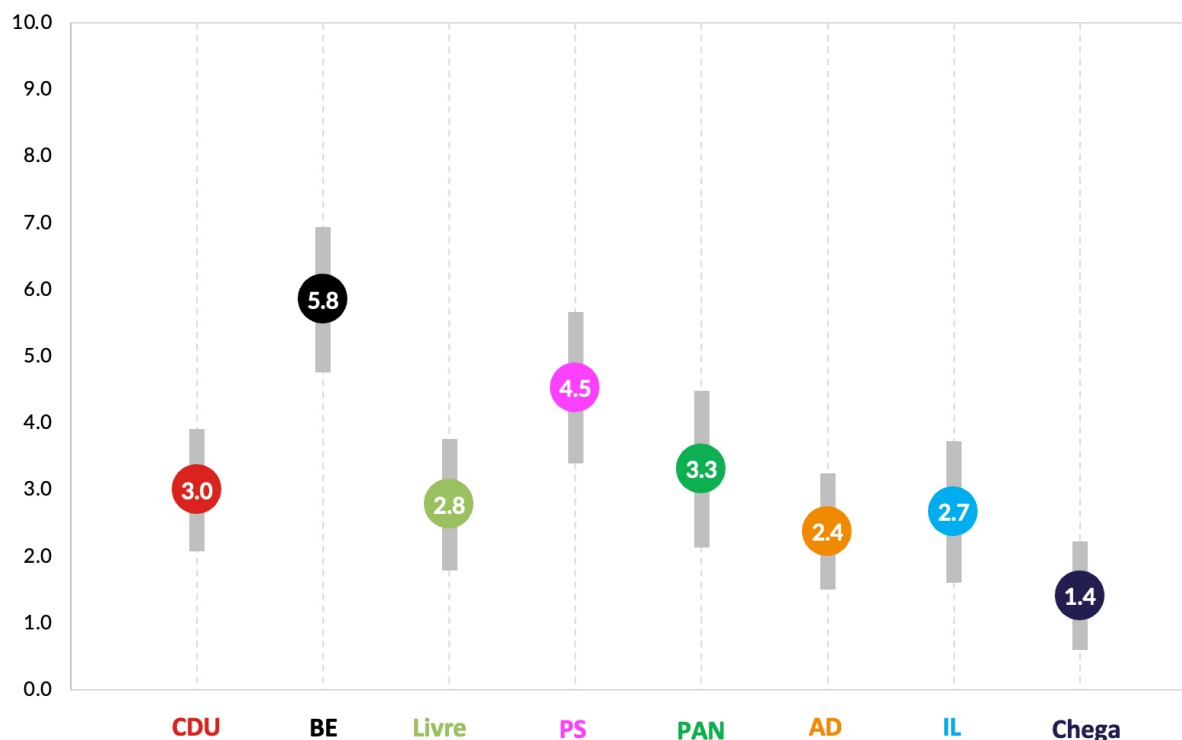
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Entre os que expressaram uma intenção de voto no Chega, a probabilidade média declarada de votar nesse partido é de 8,1, muito superior à encontrada entre estes inquiridos para qualquer outro partido ou coligação.

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores do BE

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



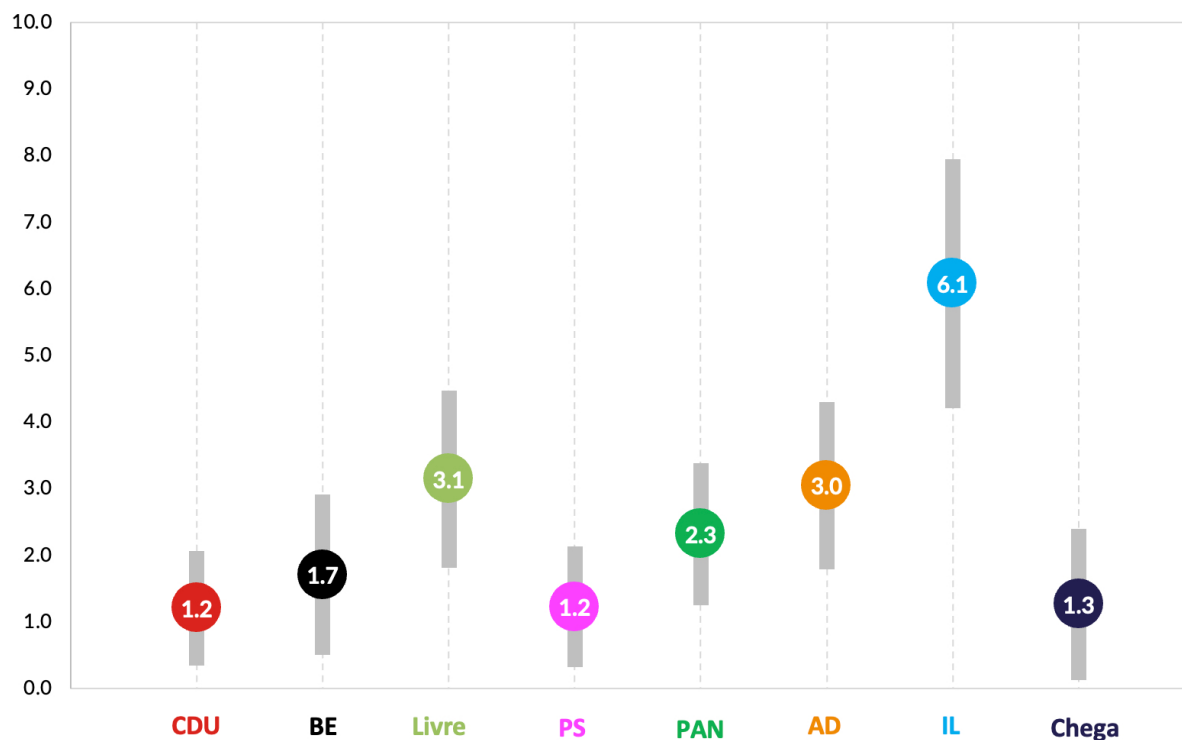
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Em contraste com o que se passa com os inquiridos que declararam que votariam nos três partidos analisados anteriormente, o voto no BE aparece como pouco consolidado: apesar de a probabilidade declarada média de votar no BE ter o valor mais elevado (5,8 numa escala de 0 a 10), esse valor é mesmo assim baixo em termos relativos, e é estimado com uma incerteza que não o distingue claramente do valor encontrado para a probabilidade de votar PS (4,5).

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores da IL

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



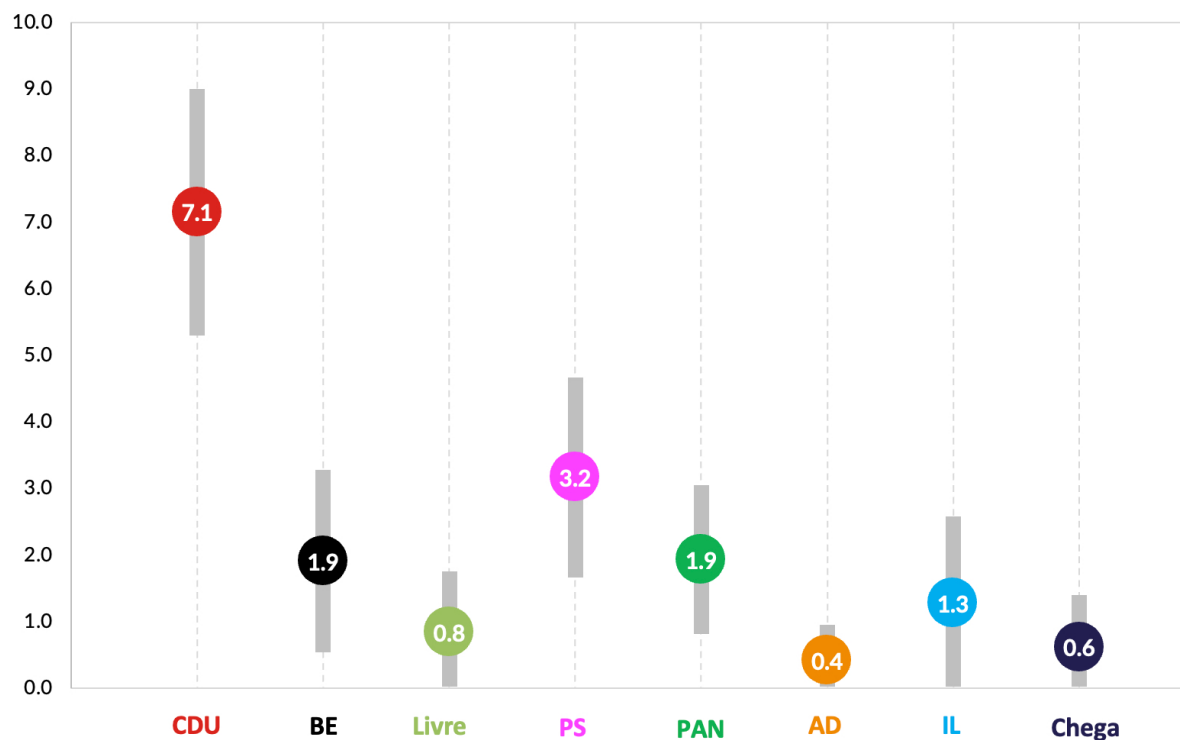
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Entre os que exprimiram intenção de voto na IL, a probabilidade média declarada de votar neste partido é de 6,1. Mais uma vez, esta intenção de voto parece menos consolidada do que a intenção de votar no PS, no Chega ou na AD, embora mais consolidada que a intenção de voto no BE. O voto na AD ou no Livre surgem como as outras possibilidades menos distantes para os que disseram que votariam na IL.

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores da CDU

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



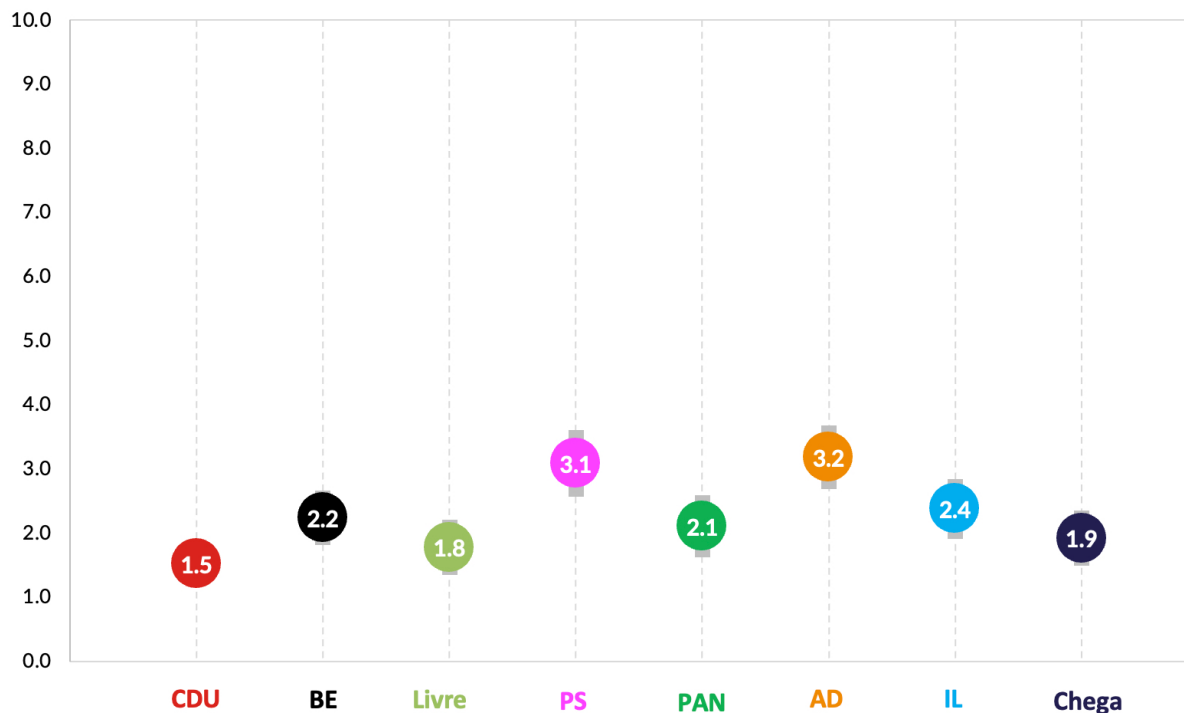
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Entre os que exprimiram uma intenção de voto na CDU, a probabilidade média declarada de votar nessa coligação é de 7,1. Entre os chamados “pequenos partidos”, esta parece ser a intenção de voto mais consolidada, tanto em termos absolutos como relativos: quase todas as outras possibilidades apresentam valores médios muito mais baixos. Uma relativa exceção é o PS, com um valor médio de 3,2 no seio deste eleitorado.

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores que "não sabem em quem votariam"

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



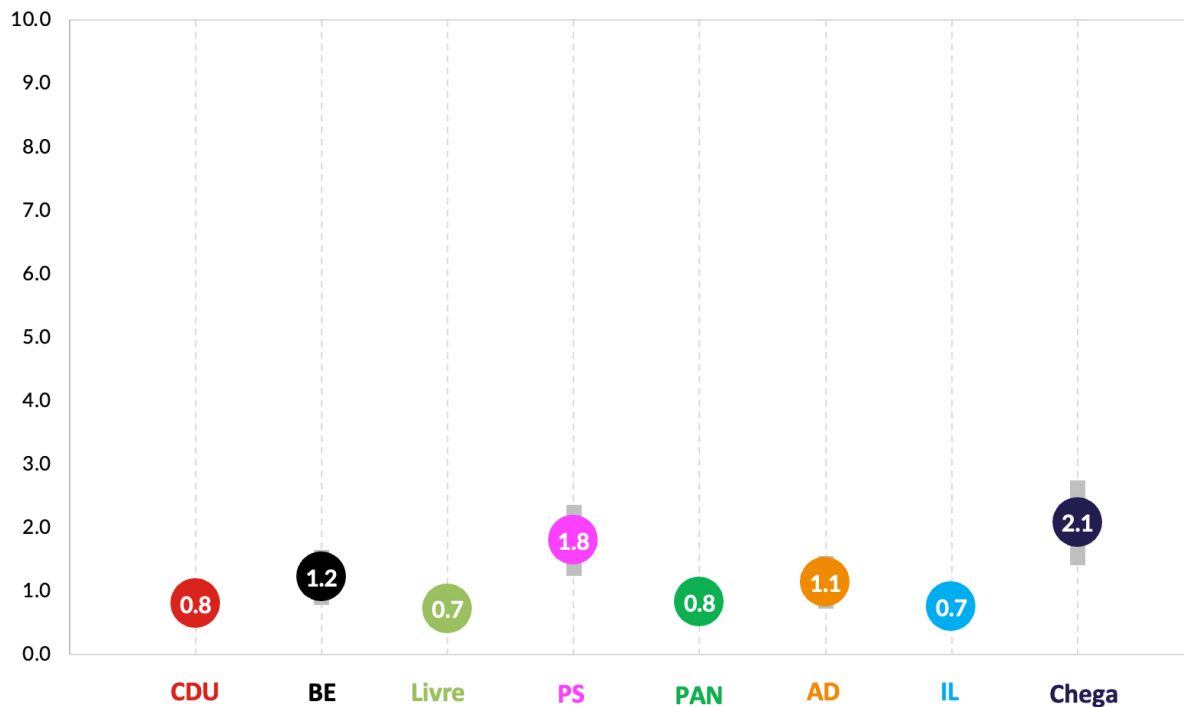
Recolha: 16-25 janeiro 2024.

Como seria expectável, entre os chamados "indecisos", as probabilidades médias declaradas de votarem em cada partido ou coligação são baixas e relativamente próximas umas das outras. Dito isto, a AD e o PS destacam-se ligeiramente das restantes opções.

Probabilidade de votar em cada partido entre eleitores que dizem que "não votariam"

Média numa escala 0 (nada provável) a 10 (muito provável)

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



Recolha: 16-25 janeiro 2024.

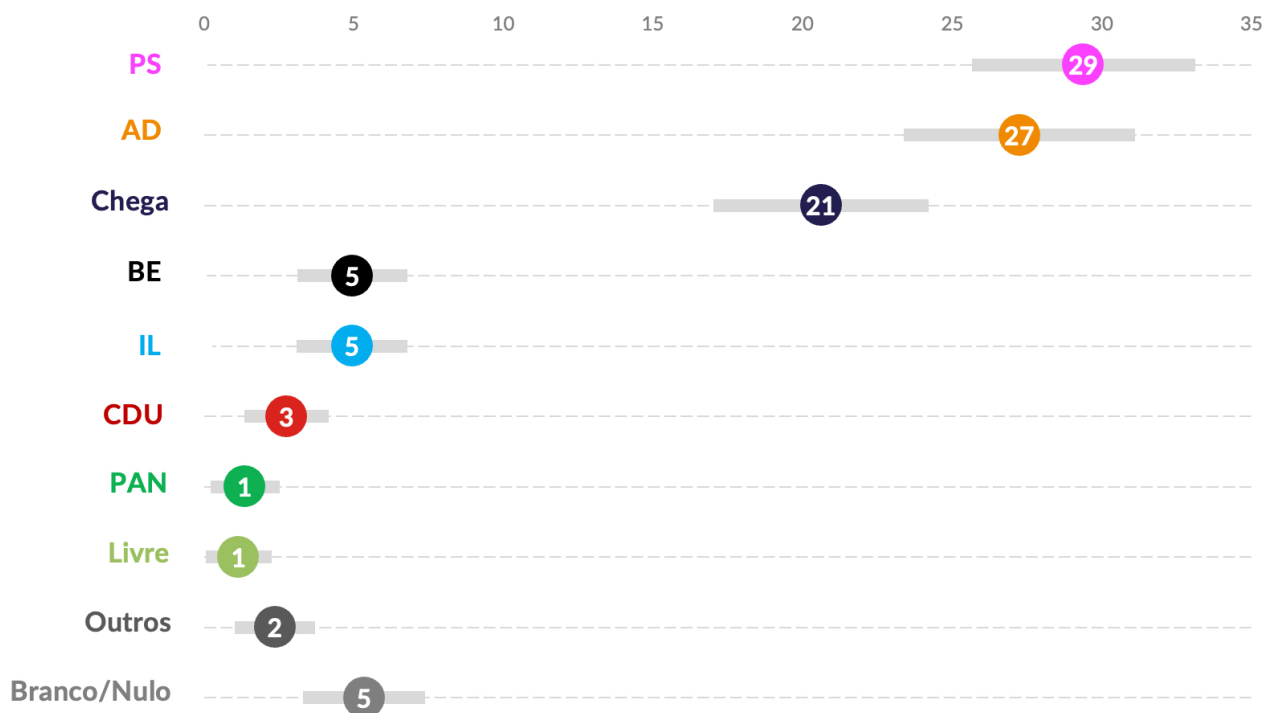
Igualmente expectável é o facto de, entre os que declaram que não votariam, as probabilidades médias manifestadas de votar em qualquer partido sejam ainda mais baixas do que entre os chamados "indecisos". Mesmo assim, o Chega e o PS destacam-se dos restantes partidos ou coligações, mas com valores muito baixos.

11. Intenção de voto após exclusão de abstencionistas e imputação de indecisos

Como votaria se houvesse hoje eleições legislativas?

% em relação ao total de intenções de voto válidas

Barras cinzentas representam as margens de erro amostral das estimativas



Recolha: 15-26 janeiro 2024. Resultados apresentados são arredondamentos à unidade.

Para obter comparabilidade entre as intenções de voto obtidas com o formato convencional da distribuição de votos num ato eleitoral, foi preciso lidar com os cerca de 16% de inquiridos que declararam não saber em quem votariam. A opção seguida foi a de utilizar uma metodologia de imputação. Simplificando, isso implica atribuir aos “indecisos” uma intenção de voto em cada partido, branco/nulo ou uma intenção de não votar, com base numa comparação entre algumas das suas características (sexo, idade, instrução, simpatia partidária, sindicalização, prática religiosa e posicionamento ideológico) e as características daqueles que declararam uma intenção de voto ou de abstenção no inquérito. Após a imputação de intenções de voto aos “indecisos” e exclusão dos que dizem que não votariam, o PS obtém 29% e a AD 27%. A diferença entre estas estimativas não é estatisticamente significativa. Segue-se o Chega, com 21%, e, mais abaixo, o BE e a IL (ambos com 5%), a CDU (3%), e o PAN e o Livre (ambos com 1%). As únicas alterações estatisticamente significativas em relação ao estudo de novembro de 2023 são a subida do Chega e a descida do PAN.

